

Ana Cristina Maria da Silva

**REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA EM REGISTROS
ESCOLARES:
FORMAS, RAÍZES, CONSEQUÊNCIAS**

Trabalho de conclusão de curso submetido
ao programa de graduação da
Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção da Licenciatura em
Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr.
Alexandre Fernandez Vaz

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

da Silva , Ana Cristina Maria
Reflexões Sobre a Violência em Registros Escolares:
Formas, Raízes, Consequências / Ana Cristina Maria da
Silva; orientador, Alexandre Fernandez Vaz, 2018.
61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) –
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Violência Escolar. 3. Sexualidade.
4. Gênero. 5. Bullying. I. Vaz, Alexandre Fernandez. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

Agradecimento

Quero agradecer a toda minha família, que sempre me deu apoio em todos os momentos da minha vida. Sem eles eu não teria concluído esta etapa acadêmica com sucesso, tampouco teria chegado aonde estou agora. Agradeço também aos meus amigos e colegas que acompanharam essa caminhada junto comigo e que também estão ou logo estarão concluindo esse percurso, em especial ao Paulo Vitor P. e à Bruna, por estarem do meu lado desde o início e aguentarem todas as minhas crises.

Agradeço muito às professoras e professores pelos ensinamentos durante a graduação, e por ampliarem minha visão de mundo. Agradecimento especial ao meu orientador que aceitou me guiar durante a criação deste trabalho.

Muito Obrigada a todos!

O sucesso é gostar de
si mesmo, gostar do
que faz e gostar de
como fazê-lo.

Maya Angelou

RESUMO

Esta pesquisa tem o intuito de refletir o tema da violência dentro na escola, bem como os sinais que ela pode deixar nos sujeitos que convivem nessa instituição. Meu interesse foi movido pela seguinte questão: O que se pode dizer sobre as relações escolares a partir da análise dos registros e documentos sobre as violências praticadas por estudantes de uma escola pública de Florianópolis? Assim, busco responde-la por meio de análises de biografias e de documentos, como as fichas de acompanhamento ao aluno, pertencentes a uma escola pública da Grande Florianópolis, procurando saber da violência contra ou de diferentes sujeitos que compõem o corpo escolar. Esse debate é de importância e, assim sendo, considero relevante o estudo do fenômeno da violência escolar no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Violência Escolar – Sexualidade – Gênero - Bullying

ABSTRACT

This research intends to reflect the theme of violence within the school, as well as the consequences it can leave in the persons that coexist in this institution. My primary interest was driven by the following question: What can be said about the school relationships from the analysis of records and documents of a public school in Florianópolis? In this research I try to answer it through several analyses of biographies and documents, such as the student's records that belong to a public school of Florianópolis. This research craved to reflect about the violence suffered by the different members that make up the school staff. This debate is of importance and therefore it's relevant to study the phenomenon of school violence in the brazilian context.

Keywords: School Violence – Sexuality – Gender - Bullying

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. A violência e suas diferentes manifestações	11
2. Pesquisa.....	22
3. Os diferentes tipos de violências registradas nas fichas de acompanhamento.....	29
3.1 A violência na escola e a questão de gênero.....	37
3.2 <i>Bullying</i> e sexualidade.....	41
4. A Relação Escola x Família.....	46
5. Docente e a Violência.....	53
6. Considerações Finais.....	58
Referência.....	60
Apêndices.....	65

INTRODUÇÃO

O interesse e a escolha pelo tema da violência na escola para esta pesquisa surgiu, inicialmente, devido à carência que senti desse assunto durante grande parte do curso de graduação em Pedagogia. No decorrer dos anos de formação, o pouco que se falou sobre o referido tema esteve restrito ao *bullying*, na maioria das vezes como assunto paralelo aos conteúdos, trazido à tona em pequenas conversas em sala, geralmente de forma não exatamente pertencendo ao desenvolvimento previsto da aula.

Num todo, a violência que existe fora e dentro da escola é pouco abordada na formação inicial de professores. Entretanto, sabemos que como futuras pedagogas podemos nos deparar com situações de violência praticadas e/ou sofridas por alunos, professores/as e servidores civis das escolas. Em contrapartida, quase não se fala sobre isso na graduação.

Este tema me instigou ainda mais por causa de dois acontecimentos. No dia 30 de março de 2017, a Rede Globo – canal televisivo de notícias e de entretenimento – postou em seu site a notícia da morte de uma adolescente de 13 anos que fora atingida por uma “bala perdida” durante troca de tiros entre policiais e bandidos na rua em frente à escola onde estudava, localizada em um bairro considerado violento no Rio de Janeiro. O que mais chamou a minha atenção foi que a adolescente morreu dentro da escola, lugar esse que nos traz a sensação de segurança. Uma notícia dessas gera a tão comum pergunta: como algo assim pode acontecer? Essa indagação me remeteu a diversas outras manchetes de notícias e a vídeos compartilhados na rede social que trazem cenas ou acontecimentos de violência dentro da escola, entre elas, um vídeo em particular, envolvendo uma criança pequena que “destruiu” a sala dos professores, virando as cadeiras, jogando o material no chão, tanto os que estavam nas mesas como nos armários e ainda tombando as mesas da sala. A pessoa que filmou perguntava a nós, espectadores, “como se lida com isso?”.

O segundo fator foi a leitura do artigo “*Dimensões da violência contra crianças e adolescentes, apreendidas do discurso de professoras e cuidadoras*”, de Vera Lúcia de Oliveira e Adriana Dora, quando cursei

a disciplina Infância e Educação do Corpo¹. O texto expõe significados sobre violências, apresentado uma lista de tipos e formas pelas quais ela é produzida e se manifesta. Entre elas, a única trazida para nós, estudantes de pedagogia, o já citado *bullying*.

Desde que demonstrei interesse em aprofundar meu estudo sobre tal temática percebo o quanto é importante o debate dele dentro da Universidade, os livros, textos e conversas que venho tendo desde comecei a montar esse projeto mostram que a violência está muito entranhada em nossa sociedade e, desta maneira, acaba se fazendo presente também dentro da escola. Sendo assim, ela constitui-se num problema social em proliferação. A pouca experiência que tive com o estágio obrigatório em uma instituição pública estadual deixou muito claro que estudar, debater e entender a violência escolar é o primeiro passo para enfrenta-la.

Por esses motivos julgo de extrema importância estudar esse tema, pensando como futura profissional da educação que irá trabalhar em uma escola onde talvez possa ocorrer um caso em que um aluno tenha um “ataque” de raiva, onde uma aluna seja morta por uma bala, um professor agrida a um aluno, haja brigas verbais, perseguições por orientação sexual etc.

A realidade das escolas no nosso país muitas vezes não corresponde ao que estudamos em sala de aula. Claro que nem toda instituição tem a violência “extrema”, como no caso da menina na escola do Rio de Janeiro², porém as escolas não estão livres dos conflitos decorrentes do convívio humano e são esses conflitos que podem e acarretam muitas vezes em diferentes tipos de violência. É importante que sejam eles estudados e analisados, de que maneira aparecem e como são (ou não) resolvidos.

1 Disciplina ofertada na 6ª fase do curso de Pedagogia, ministrada pelo prof. Alexandre Fernandez Vaz.

2 <https://veja.abril.com.br/brasil/tiro-que-matou-menina-em-escola-do-rj-partiu-de-arma-de-policia/> - Reportagem publicada 6 abril 2017 e acessada dia 06 de novembro 2018

Por conta da pergunta que me instigou, decidi iniciar meu trabalho com uma pesquisa biográfica sobre o que é violência e seus diferentes tipos de manifestações na sociedade. Logo após apresento minha pesquisa, a pergunta que ela coloca, meus objetivos e os documentos a que tive acesso na escola onde realizei meu estágio obrigatório. Será possível por meio dos casos presentes nos documentos, observar como o gênero está envolvido nas violências presentes intramuros escolares, como a sexualidade também é um motivo forte para ocorridos, as relações entre estudantes e docente, e o diálogo entre escola e os pais. Então, as considerações finais, em que, em outros pontos, será possível ver quão ampla é a violência dentro da escola, muitas vezes notada, em outras não.

1. A violência e suas diferentes manifestações.

A violência é uma figura constante, não é pouca a sua presença na mídia, nas redes sociais, em vídeos virais³ e muitas vezes no nosso próprio cotidiano. Ela está presente nas cidades, periferias e em diversos outros lugares. Não é algo específico do nosso país, está em também todas as outras nações, das mais às menos desenvolvidas. Ilana Laterman (2000) diz que são atos de violência até as guerras entre nações, os conflitos internos de uma nação, os políticos, étnicos e tantos outros organizados por facções radicais. Há também a violência contemporânea que se expressa na violência doméstica, contra a criança,

³ Segundo o site EBC o termo vídeo Viral surgiu junto com o crescimento do número de usuários de blogs e redes sociais na internet. A palavra é utilizada para designar os conteúdos que acabam sendo divulgados por muitas pessoas e ganham repercussão (muitas vezes inesperada) na web. O termo é relacionado a palavra vírus (de computador ou doença), já que as pessoas chegam a compartilhar o conteúdo viral quase que inconscientemente.

no trânsito, verbal, no confronto entre traficantes e policiais, violência da polícia, no roubo, no assalto etc. Como aponta Laterman, alguns atos de violência são evidentes, como os crimes hediondos, já outros, como os no trânsito, a poluição, o desemprego, são mais sutis. Fica claro, assim, que a violência está presente em diversos aspectos das nossas vidas, mesmo de maneira não direta.

Como geralmente se considera a violência como algo negativo pelos olhos humanos, porém o entendimento que fazemos do que ela é mudou e ainda muda conforme evolução da sociedade. Desta forma o significado de violência tem variado em relação ao contexto em que se aplica, às normas sociais, éticas e da própria história da sociedade. Segundo Laterman (2000), Debarbieux aponta que outrora assassinatos entre as classes mais baixas não eram duramente penalizados, entretanto crimes de roubo a patrões tinham mais duras penalidades. Ela ainda indica que por muito tempo existiu na sociedade brasileira crimes em legítima defesa da honra. Podemos aprofundar mais sobre esse tema olhando o artigo *“Reflexões sobre o processo histórico-discursivo do uso da legítima defesa da honra no Brasil e a construção das mulheres”* de Margarita Ramos (2012), mestre em Psicologia Social, o interessante deste texto, é que nele autora nos mostra como surgiu a cultura da honra masculina no Brasil colônia, apontando desde o papel das mulheres como responsáveis pela honra tanto do pai quanto dos maridos. A autora avalia que a lei brasileira que permitia aos homens se vingarem de suas esposas adúlteras era baseada nas Ordenações Filipinas, que possuíam ainda em seu conteúdo aspectos da Santas Inquisição.

As Ordenações Filipinas, também conhecidas como Código Filipino, eram formadas por um conjunto de cinco livros, os quais continham as leis e as regras morais pertinentes à conduta dos sujeitos. Esse código não tinha como princípio à igualdade dos indivíduos; pelo contrário, ele tinha como princípio a discriminação antes pela origem dos indivíduos do que pelos crimes cometidos por eles.

A punição destinada à mulher era ainda mais diferenciada, sendo aplicada de forma exemplar, uma vez que a ela não era dado o direito à fala e quem decidia sobre sua vida era seu pai ou

marido. Ou seja, a decisão sobre sua vida era feita de forma heterônoma. (RAMOS, 2012, p. 7-8).

Indo além e deixando o Brasil Colônia e olhando para a Primeira República, matar pela honra já não era permitido, o adultério virou crime civil, com pena de até 3 anos, no caso do homem; deveria de ser provado, uma relação duradoura e estável com uma outra mulher para ele ser condenado, porque se entendia que relações extraconjugais eram algo normal da natureza do homem. Entretanto, o discurso jurídico deixou brechas para manobras que permitiram ainda o assassinato das mulheres. Segundo Ramos, eram permitidas execuções por legítima defesa em três casos: estado de necessidade; a legítima defesa de; e o estrito cumprimento de dever legal. Para os homens, matar pela honra, era matar em legítima defesa de si. Como concluiu a autora, a honra era entendida como um bem juridicamente tutelado.

Só em 1988, com a redemocratização do Brasil e com a nova Constituição Federal, que em seu texto deixa claro a igualdade do homem e da mulher em todas as esferas, foi que começou um movimento para se questionar os agentes jurídicos sobre os crimes cometidos contra as mulheres, principalmente até quando seria de responsabilidade feminina a guarda da honra do homem. Foi dessa maneira que a justiça brasileira deixou de ser tolerante com as alegações de legítima defesa da honra nos tribunais de justiça.

É possível observar, no entanto, que violência pode aparecer muitas vezes na história como necessária, como ferramenta para a mudança ou a permanência de algum tipo de ordem. Sendo assim, pode-se dizer que a violência exerce uma função e tem relevância própria, dependendo da situação social. Logo, expressa valores, condições e modos de vida de cada sociedade (LATERMAN, 2000 p.26).

Desta forma, a violência pode ter um lugar definido e estruturante, Maffesoli (citado por LATERMAN,2000), escreve que, apesar de um certo anonimato, a violência assegura um movimento de ordem social, é pela sua presença nas relações humanas e na sombra que tivemos a criação de normas sociais e estruturais que possuímos hoje. Como por exemplo os direitos humanos. Até o pacto internacional de direitos humanos de 1966, a raça humana passou por diversas conquistas dentro das suas sociedades, conquistas essas que buscavam melhorar a vida do

homem dentro desses grupos, como a Magna Carta de 1215, que em uma das suas passagens dizia que nem um homem livre seria preso, ou privado de uma propriedade, ou exilado, ou de maneira nenhuma destruído, nem seria mandado agir contra ele, a não ser por um julgamento legal dos pares, ou pela lei da terra. A Magna Carta foi um movimento popular que foi de encontro com o poder do rei.

Foi importante também a criação da lei de habeas-corpus de 1689, as declarações de direito da revolução francesa de 1789 que com seu ideal de liberdade, igualdade e fraternidade humana acima de qualquer interesse particular, serviu de inspiração a criação da declaração dos direitos humanos de 1948. Entretanto foi necessário, passar por diversas revoluções, guerras civis e contra a escravidão, duas grandes guerras mundiais e um grande genocídio, para ocorrer O pacto internacional de direitos humanos de 1966 (COMPARATO, 2003). Como apontou Maffesoli foi necessário diversos períodos de violência para que houvesse um movimento na ordem social, que levou as normas sociais e estruturais que possuímos.

Maffesoli (citado por LATERMAN, 2000) aponta ainda que a violência se manifesta na sociedade em três formas: a dos poderes instituídos, do Estado, a anônima e a banal. A violência do Estado é legítima, já que este tem o papel de garantir uma sociedade não violenta, sendo assim, a violência acaba monopolizada a fim de garantir a paz. A violência anônima se manifesta por meio de atos que vão contra as normas, como pensamentos revolucionários, marginais, que desejam o fim do que está imposto. Já a violência banal é a resistência cotidiana, ela não vem de grandes atos, mas parte da ideia comunitária, do partilhar de um território real ou simbólico, é por meio dela que o povo, em geral, toma as rédeas de seu presente, por exemplo, por meio de falas silenciosas, risos ou olhares de solidariedade.

Laterman (2000) afirma que tanto as explicações de Maffesoli quanto as de Debarbieux irão concluir que, mesmo indesejada, é a presença da violência que organiza e estrutura a sociedade. Assim, os autores demonstram que a violência é uma parte inseparável da organização social. A autora conclui que se olharmos por essa perspectiva, as manifestações de violência dentro da escola não são:

[...] à parte do funcionamento do estabelecimento, não são momentos isolados da aprendizagem ou das tarefas escolares. As manifestações de violência nas escolas são, por um lado, configuradas por fatores externos e internos, e por outro, elas mantêm ou tentam mudar a ordem das coisas, ou até se misturam na ordem das coisas, fazendo parte elas mesmas desta ordem. É também neste sentido que entendo a violência nas escolas... (LATERMAN, 2000, p. 31).

Além desses autores, se pesquisarmos mais o significado de violência, podemos encontrar a definição dada pela Organização Mundial de Saúde, que a define como:

Uso intencional de força física ou poder, em forma de ameaças ou praticada, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra grupo ou comunidade que resulta ou tem uma grande possibilidade de ocasionar ferimentos, morte, consequências psicológicas negativas, mau desenvolvimento ou privação (2002, p. 5)

Entretanto, essa definição não abrange todas as manifestações de violência presentes na sociedade. Como Laterman (2000) apontou, guerras, trânsito e poluição, também são tipos de violência, assim como agressões, xingamentos, abusos, tanto sexuais quanto psicológicos, são violências, porém entram em diferentes categorias. Temos então as violências mais perceptíveis, como por exemplo, a física, sexual, até as menos claras, como a psicológica (que pode levar a um padrão de comportamento destrutivo). Observamos também as envolvendo crianças e adolescentes, a negligência como um tipo de violência, ela se manifesta por meio da falta do suporte necessário para o crescimento e o desenvolvimento destes. Marmo, Davoli e Ogido (1995) ao tentarem trazer uma definição da negligência, mostram que ela nem sempre é provocada por um descaso dos adultos, mas, também em diversas ocasiões, pelo desconhecimento das necessidades e dos cuidados necessários de dedicação às crianças.

A violência física é a mais nítida no nosso cotidiano, não é difícil que em algum momento de nossas vidas a presenciemos, sejamos autores ou passivos de algum ato de relacionado a ela. Segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), a violência física se define como:

Qualquer contunda que ofenda a integridade ou saúde corporal; sendo assim as brigas no trânsito, na saída das boates, dos bares, brigas de famílias, que presenciemos ou ficamos sabendo entram na categoria de violência física, porém as trocas de socos, empurrões, puxões de cabelos que ocorrem dentro das escolas, podem ser considerados também. (Acesso ao site agosto 2018).

Sendo assim, podemos definir que as brigas que muitos de nós vimos, participamos ou delas ficamos sabendo, que ocorreram dentro das escolas, estão na categoria de violência física. Todavia, enquanto a esta é em sua maioria facilmente detectável, a psicológica muitas vezes nem tanto, pois quase sempre está envolvida nos círculos sociais mais íntimos das pessoas, como em relacionamentos amorosos ou familiares. O CNJ define a violência psicológica como:

[...] qualquer contunda que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que prejudique e perturbe o pelo desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaças, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração eliminação de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause à saúde psicológica e à autodeterminação. (Acesso ao site agosto 2018).

No âmbito infantil a violência psicológica também está presente. Certos comportamentos dos pais em relação aos filhos

também podem ser vistos como violência. Abranches e Assis (2011) dizem que há cinco importantes comportamentos parentais tóxicos do ponto de vista da psicologia infantil:

[...] para auxiliar na detecção deste abuso: rejeitar (recusar a reconhecer a importância da criança e a legitimidade de suas necessidades), isolar (separar a criança de experiências sociais normais impedindo-a de fazer amizades, e fazendo com que a criança acredite estar sozinha no mundo); aterrorizar (a criança é atacada verbalmente, criando um clima de medo e terror, fazendo-a acreditar que o mundo é hostil; ignorar (privar a criança de estimulação, reprimindo o desenvolvimento emocional e intelectual) e corromper (quando o adulto conduz negativamente a socialização da criança, estimula e reforça o seu engajamento em atos antissociais). (p. 84).

A violência psicológica pode estar na escola na forma do *bullying*, quando há a ridicularização constante, insultos, humilhações etc. que podem levar a danos psicológicos permanentes; ela também está presente nas relações de poder, entre professores e alunos. Nos casos mais extremos a criança ou adolescente pode chegar a tirar a própria vida. Nos veículos de notícias nacionais e internacionais, casos de suicídios de crianças/adolescentes motivados por *bullying* são frequentes. Um dos fatores comuns entre eles é que os pais ou responsáveis muitas vezes não fazem ideia do que ocorria com a criança/adolescente. O fator realmente perigoso da violência psicológica é a sua natureza silenciosa.

A negligência, como já citado, também pode ser entendida como uma forma de violência, mais precisamente contra a criança e ao adolescente. No site “significados” (acesso 2018) ela é descrita como: “desleixo, descuido, desatenção, menosprezo, indolência”. Porém, nos documentos federais ainda fica nebuloso o entendimento de negligência, principalmente a familiar, aparecendo como Constante Omissão.

O ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, no **ART. 5** vai dizer:

- Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de **negligência**, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Já a Constituição Federal diz:

Art. 227 – É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de **negligência**, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Assim, se pode entender que privar a criança ou o adolescente de qualquer um desses direitos é uma forma de negligência. Além desses direitos, a falta de afeto também se constitui como tal. Mesmo que não seja uma lei ainda, uma projeto que circula no senado Modifica a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente, que passa a caracterizar o abandono moral como ilícito civil e penal. O abandono afetivo já apareceu em diversos casos legais⁴, em sua maioria de filhos ou mães que processam os pais por esse tipo de abandono, que é visto como negligência.

Segundo uma reportagem do G1 lançada em abril deste ano, em 2017 no Brasil foi registrado a cada 6 minutos uma violação dos direitos das crianças e adolescentes, ao todo foram aproximadamente 84.049 casos relatados ao disque 100, do ministério dos Direitos Humanos. A reportagem ainda aponta que:

- 4 Casos de abandono afetivo: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/pai-e-condenado-a-pagar-r-100-mil-por-abandono-afetivo-de-estudante-de-medicina-em-goias.ghtml>
- 2) <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,indenizacao-por-abandono-afetivo-nao-diminui-traumas-mas-da-sensacao-de-justica,70001712965>

No grupo de denúncias envolvendo crianças e adolescentes, a maior parte das violações apontadas é de negligência (72,1%). Em seguida, aparecem violência psicológica (47,1%) e violência sexual (24,2%).

O total supera os 100% porque cada denúncia pode conter mais de um tipo de violação, e mais de uma vítima. Por isso, os 84.049 casos relatados abrigam um total de 130,2 mil vítimas menores de 18 anos. (G1, acesso 07 agosto 2018)

A negligência contra a criança ganhou maior visibilidade no Brasil depois do caso do menino Bernardo Boldrini, morto pelo pai e a madrasta em abril de 2014. Além da crueldade, o que mais chamou a atenção nesse caso foi o fato do menino ter ido por diversas vezes ao conselho tutelar pedir para ir morar com uma nova família. Porém só após a sua morte foi que constataram através de vídeos e relatos de pessoas próximas à criança, que ela não recebia carinho dos pais, sofria abusos físicos e verbais constantemente.

Existe ainda outro tipo de violência que não é percebida da mesma forma que as já citadas: a violência simbólica. Gomes e Fonseca (2005) afirmam que ela aparece em formas e estratégias de coerção, fazendo uso de significados simbólicos socialmente construídos e veiculados. Para Bourdieu e Passeron (1970) em *A reprodução*, uma sociedade segmentada, onde já está estabelecida uma ordem social e a classe dominante controla os significados culturais, a violência simbólica aparece como uma forma de impor a aceitação das regras. Aqui podemos pensar que quando Maffesofí se refere à violência dos poderes instituídos, ele também está falando sobre a violência simbólica. Foi por meio desta noção que Bourdieu tentou desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como “naturais” as representações e ideias de uma classe dominante.

Na escola Vasconcellos (2002) argumenta que:

Bourdieu considera que a transmissão pela escola da cultura escolar (conteúdos, programas,

métodos de trabalho e de avaliação, relações pedagógicas, práticas lingüísticas), própria à classe dominante, revela uma violência simbólica exercida sobre os alunos de classes populares. (p. 80-81).

Odalía (2004) amplia o significado de violência simbólica dentro da escola:

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possua estrutura facialmente identificável. O contrário, talvez, fosse mais próximo da realidade. Ou seja, o ato violento se insinua, frequentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violento demanda do homem um esforço para superar sua aparência de rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas (p. 22-23).

A concepção bourdieusiana afirma ainda que a violência “se exerce com a cumplicidade tácita dos que sofrem e também com a frequência dos que exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-las e de sofrê-las” (GOMES; FONSECA 2005, p. 33), sendo assim, a violência simbólica, pode-se dizer, é aquela em que tanto a vítima quanto o agressor não sentem o dano.

Em casos considerados mais “sérios” ou com grandes repercussões, a violência em uma escola pode se tornar notícia nacional. Se colocarmos no site do Google, “notícia sobre violência na escola”, iremos achar casos de professores agredidos, alunos mortos dentro da escola, tiroteios, tráfico de drogas etc.

Um exemplo que podemos citar foi de um caso ocorrido no mês de outubro de 2017, que comoveu o país inteiro. Um adolescente de 14 anos abriu fogo contra os colegas dentro da sala de aula, esse ato virou notícia nacional. Em reportagens ao vivo, os jornalistas queriam descobrir o motivo que levou aquele ato, foi então que uma aluna desesperada, revelou, “Ele sofria *bullying*”. Pronto! Foi o que bastou para que *viralizasse* pelas mídias a importância do combate ao *bullying*, durante vários dias todos os canais de notícias se voltaram para a

história daquele adolescente, a sua rotina na escola, seu convívio com os colegas, o motivo para ele sofrer tanto, o porquê de ninguém notar etc.

Casos como esse mostram o extremo, quando a violência simbólica se transforma em violência geral. Num contexto mais do cotidiano, ela se mantém escondida da mídia e muitas vezes até dos nossos círculos sociais, porém seus efeitos na vida das crianças e dos adolescentes podem ser tão prejudiciais quanto à da violência geral. Uma reportagem da BBC Brasil lançada em abril de 2017 anunciava que no Brasil há um aumento constante do suicídio entre os jovens na faixa etária de 15 a 29 anos, porém os dados sobre tal fato costumam sumir, pois o suicídio é um tabu, e no seu lugar costumamos apenas nos voltar para a epidemia que é o homicídio no país. Segundo os especialistas da BBC um dos fatores para o suicídio entre os jovens é precisamente o *bullying*.

O bullying no ambiente escolar é citado por ele como um dos principais elementos associados ao suicídio. "Pessoas que seguem qualquer padrão considerado pela maioria da sociedade como desviante, seja o ténis diferente, a cor da pele, o peso, o cabelo ou a orientação de gênero, são hostilizadas continuamente e entram em sofrimento psíquico"... (BBC Brasil Nov 2017)

Se fiz uma pesquisa com os dizeres "*bullying* e suicídio", da mesma forma que pesquisamos "violência na escola", diversos casos irão aparecer, alguns até envolvem crianças, porém muitos se não quase todos, são Norte-americanos, algo que confirma o que foi dito na reportagem da BBC. O suicídio no Brasil ainda é algo tratado como tabu.

Mais quando casos como o do adolescente de 14 anos aparecem na mídia, a violência simbólica antes invisível aparece e mostra o lado mais extremo da violência geral e como ela se manifesta dentro da escola; em momentos como esses as formas de violência são vistas, faladas, noticiadas e em alguns casos até combatidas.

É possível perceber, então, que na escola coexistem tanto com a violência geral, como também com a sutil e estrutural que compõem a violência simbólica.

Priotto (2009) afirma que diversos estudos se analisa a violência escolar por ângulos diferentes. Em sua pesquisa, ela cita Colombier (1989) que no livro “Violência na escola” tratou de analisa-la como um fenômeno socioeconômico e familiar. Outros, como Spósito (2002), estudaram a violência a partir do espaço geográfico, analisando casos por meio de ocorrências em cidades e países. Já autores como a própria Priotto (2009), analisaram a violência no cotidiano das escolas. E constataram que a concepção de violência depende muitas vezes de como os professores a percebem, alguns a veem como um fenômeno em expansão, que é reforçado pelo que eles entendem por famílias desestruturadas, pela desigualdade social e pela mídia.

A violência como um fenômeno em expansão é algo a ser estudado. Porém, como já dito, a violência está presente no nosso dia a dia, em sua forma geral, dentro do contexto escolar ela é muito visível, não é incomum ouvirmos casos de agressões física, verbal e até sexual ao longo dos nossos próprios anos escolares, em jornais locais⁵ ou em comentários de pessoas do nosso círculo social.

Desta maneira ao se analisar todos os significados de violência e as suas manifestações, podemos dizer que, ela é inseparável da sociedade, está disseminada e opera de diferentes formas, formas estas que estão presentes dentro da escola, seja de maneiras visíveis ou não.

2. Pesquisa

Diante das dúvidas que acumulei sobre o tema violência na escola e a forma como as pessoas dentro da instituição lidam com ela, pensei que a minha pesquisa poderia ocorrer por meio de entrevistas com professores da rede de Florianópolis, desta maneira

5 Algumas noticiais coletadas em sites de jornais:

<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/08/brasil-esta-no-topo-do-ranking-de-violencia-contra-professor-diz-estudo.amp>;

<https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000862577/escolas-publicas-tem-10-casos-de-violencia-por-dia.html>;

<https://educacao.uol.com.br/noticias/bbc/2017/03/10/morte-de-menina-em-escola-expoe-rotina-de-violencia-nas-escolas-publicas.amp>

saberia por meio dele(a)s suas opiniões, ouviria relatos de casos e veria como eles lidavam com tal tema em suas carreiras. Meu primeiro problema foi que, quanto mais pesquisava, mais percebia que os casos de violência registrados em escolas olhavam sempre para um único lado, o do professor ou de uma outra autoridade. Meu desejo com esse trabalho é, entretanto, olhar de maneira objetiva, sem preconceitos, estudando assim o fenômeno da violência e como crianças e adultos lidam com os conflitos que surgem entre eles, entre os outros ou com quem vem de fora.

Desta forma, mudei meu foco de pesquisa e meus objetivos foram tomando outros caminhos. A pergunta que me mobilizou foi, o que se pode dizer sobre as relações escolares a partir da análise dos registros e documentos sobre as violências praticadas por estudantes de uma escola pública de Florianópolis? Para tentar responder essas perguntas procurei:

- Estudar os documentos e trabalhos já produzidos que aprofundem esse tema;
- Estudar a categoria violência e suas diferentes acepções;
- Identificar as principais violências que são documentadas pela escola;
- Ampliar e aprofundar as discussões acerca das violências escolares, identificando o ‘lugar’ dos profissionais da escola; da família; e dos alunos neste debate
- Instigar a reflexão sobre esse tema, através dos resultados da pesquisa.

Depois de reunir material com autores que já estudaram o tema, procurei abordar documentos de escolas que relatassem casos de violência. Desta maneira seria possível não só ver o papel dos professores e de outros funcionários nessas questões, mas também observar o lugar do aluno, as diferentes violências presentes nessa instituição e como são resolvidos (ou não) esses conflitos. Trabalhar em uma pesquisa documental, como explica Cellard (2008), permite a observação da evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, práticas e outros. A pesquisa documental também é uma técnica decisiva para as ciências sociais e humanas. Sá-Silva (apud Gauthier, 1994 p. 296) explica que:

Trata-se de um método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade e qualquer influência – presença ou intervenção do pesquisador – do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados, anulando a possibilidade de reação do sujeito à operação de medida.

Os documentos a que tive acesso para iniciar a pesquisa propriamente dita pertencem a uma escola estadual localizada em Florianópolis. São fichas de acompanhamento ao aluno que foram criadas pela orientação educacional da instituição, e são esses profissionais cuidam dos documentos e dos ocorridos que acontecem dentro da escola. Os casos presentes nelas passaram a ser registrados em fevereiro deste ano, assim que se iniciou o ano letivo. Segundo a profissional que me permitiu o acesso as fichas, essa iniciativa surgiu como uma maneira de registrar os ocorridos entre os estudantes, suas frequências, algum problema de aprendizagem que eles possuem, relacionamento com os docentes, etc. Dessa forma a orientação educacional poderia agir com mais eficiência no problema existente. Só consegui ter acesso as fichas por esta realizando meu estágio obrigatório do ensino fundamental na instituição.

A escola se localiza em um dos principais bairros da capital, em uma região bem valorizada, Arlis Peres e Margareth Pimenta em sua pesquisa, sobre a verticalização do bairro, apontam que:

A área [...] inicialmente era passagem, por suas limitações geográficas, hoje se apresenta como uma grande extensão do Centro, principalmente para moradias das classes de alta renda e concentradora de diferentes equipamentos públicos. 5 Em especial, a área [...] tem se transformado nas últimas duas décadas em razão da expansão do Centro e Beira Mar Norte como opção de moradia para as classes de alta renda, há, paradoxalmente o adensamento das áreas existentes das classes médias e baixas e, também, o acesso a várias comunidades carentes do Maciço do Morro da Cruz. A área concentra vários

equipamentos públicos... (PERES; PIMENTA, 2016, p. 4-5).

Por conta dessas características presente no bairro, no entorno da escola temos uma creche municipal, um hospital de referência, e um pouco mais distante, um colégio particular. Além é claro da já citada pelas autoras orla da Beira-mar e um pequeno centro de comando da Polícia Militar de Santa Catarina que fica perto da unidade, algo que deixa pior a fama que a escola possui, à vista de quem passa. Outro fato sobre a instituição é que ela faz parte de um conjunto de escolas que recebe as crianças e adolescentes do Maciço do Morro da Cruz, essa é uma das suas características mais importantes.

O Maciço do Morro da Cruz é uma região de Florianópolis que apresenta peculiaridades e características desde que os morros das ilha começaram a ser habitados. Ele é uma estrutura geológica

[...]composta por um bloco rochoso alongado, formado por granitos cortados por diques de diabásio, onde o setor norte do Morro da Cruz é a parte mais elevada (283 metros de altitude) propícia para transmissões radiofônicas e televisivas. Já o setor sul apresenta 188 metros de altitude e nas encostas há pelo menos 21 comunidades integrantes. (DANTAS apud HENNING, 2012, p. 49-50).

Algumas dessas 21 comunidades já são mais tradicionais e conhecidas, como Mariquinha, Mocotó, Morro do Céu, Morro do Horácio e Morro da Penitenciária, estes dois últimos rodeiam os bairros de classe média Agrônômica e Trindade. Fazem parte também do Maciço os morros da Serrinha e da Queimada, entre outros. Segundo Dantas (2015) essa região de Florianópolis em um determinado momento da sua história recebeu novos moradores que faziam parte da migração vinda do Meio- Oeste catarinense, assim como também pobres e negros expulsos do centro da cidade.

Se considerarmos um período mais recente podemos observar que também ocorreu um aumento da população na cidade devido à migração vinda do Nordeste, do Sul e outras regiões brasileiras, mas também devido a imigração. Ermelinda A. Quintunda, em seu TCC (Trabalho de conclusão de curso) nomeado de *O processo da imigração no estado de Santa Catarina e em Florianópolis: desafios para o serviço social*, aponta que:

Entre os anos 2010 a 2012, cresceu o número de imigrantes no Brasil, que deu um salto de 60% e atingiu 1,54 milhões de imigrantes vindos de diferentes partes, latino americanos, chineses e africanos, haitianos, entre outros. (Schwinn; Costa 2015) Atualmente, Santa Catarina recebe uma nova configuração de fluxo migratório, são imigrantes vindos principalmente do Haiti, do Senegal, da Síria, do Egito, de Gana, da República Dominicana, do Congo, do Togo, de Angola, de Moçambique, do Equador, Peru, Venezuela, Colômbia. (QUINTUNDA, 2017, p. 27–28).

Dantas (2015) diz que tudo isso contribui para as variedades histórico econômico-geográficos e culturais dentro das comunidades.

Toda a variedades de culturas dos morros é visível dentro da escola, nela há crianças vindas de diversos lugares do nosso país, como: Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná, Pará, etc...como também crianças de outros países, como o Haiti; há também uma variedade de diferentes locais em que essas crianças moram, como já foi apontado, a escola recebe crianças de diferentes bairros de Florianópolis, majoritariamente crianças das várias comunidades que rodeiam a escola, sendo as seguintes as principais: Morro do Horácio, Morro do Céu, Morro do Macaco, Morro do Tico-Tico.

Dantas (2015) diz que pode ocorrer um conflito entre as variedades de culturas vindas dos morros e a cultura da escola. Na escola onde realizei meu estágio e pesquisa, foi possível observar que os professores e administradores tentavam ao máximo manter a ligação entre escola x

comunidade, o conflito maior ficava na rivalidade entre as diferentes comunidades.

Quanto às instalações, a unidade é composta por um prédio principal de três andares, um ginásio, 3 quadras de esportes, um parquinho infantil e um jardim com bancos, e uma árvore sob a qual os adolescentes gostam de passar o intervalo.

O prédio principal dispõe de 22 salas de aula, sendo que em 2016 apenas 20 estavam em uso. Há uma sala de artes que fica localizada no piso inferior da unidade, onde pode se encontrar também outras salas disponíveis. No segundo andar encontramos a sala do Mundo Imaginário, que é utilizada como recreação, espaço de aprendizagem e desenvolvimento, as salas de aula do ensino fundamental e a sala do atendimento especializado. Esses locais ficam separados de um pátio coberto por um portão pesado que é mantido fechado durante o recreio e o início das aulas. Neste pátio há ainda dois bebedouros que mal funcionam, os banheiros dos estudantes e, seguindo mais à frente, a área da merenda, onde três mesas compridas ficam cercadas por grades. Nessa área ainda a sala dos professores, a biblioteca fechada, a porta para a cozinha, onde apenas seus profissionais têm acesso, é terceirizada, os banheiros dos professores, a secretaria, uma salinha em que ocorre o atendimento do PENOA (Programa Estadual Novas Oportunidades de Aprendizagem) e, por fim, mais um portão de ferro que leva para o terceiro e último andar, onde ficam as salas do ensino médio.

O aspecto da escola, demonstra que ela está desgastadas, mesmo ela tendo passado por uma reforma recente, já que há poucos anos uma empresa privada que estava construindo edifícios ao redor decidiu reformar a unidade. Por esse motivo é possível ver uma bela fachada externa, com um grande portão de entrada e o nome da escola, muros com grades pintadas e trepadeiras, tudo isso em harmonia com os prédios que ficam ao entorno da mesma, com o mar e a rua movimentada que passa bem em frente a ela.

A escola se constitui por: Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), e o Ensino Médio (1º ao 3º ano). Segundo o demonstrativo da unidade escolar, disponibilizado pela secretaria de Educação de Santa Catarina, a unidade tem matriculados

no Ensino Fundamental I e II aproximadamente 1196 alunos, sem contabilizar alunos excluídos ou transferidos, sendo 583 do gênero masculino e 613 do feminino.

No Ensino Médio temos aproximadamente 310 alunos matriculados, sendo 138 apontados como sendo do gênero masculino e 172 do feminino. O documento nos traz mais algumas informações: dos 1506 alunos matriculados na instituição, 68 deles vieram transferidos de outros estados e 3 de outro país. Observamos ainda o falecimento de um aluno do 1 ano do ensino fundamental.

Há também informações que podemos obter ao analisar os números que nos são apresentados. Como o fato de ter um maior número de alunos do gênero feminino. No ensino fundamental a diferença entre os gêneros é mínima; quando se olha o número de matrículas por ano, podemos observar que, em alguns anos como no 8º, há mais meninos matriculados, já no 1º é o contrário. Porém quando chegamos ao Ensino Médio, as matrículas por anos saltam para uma diferença de até 4,07% entre meninos e meninas, como ocorre no caso do 1º. Há também uma queda de matrículas no 3º ano do ensino médio, ao todo são 37 alunos, sendo 23 do gênero feminino. Se levarmos em conta que há no mínimo uma turma do período matutino e uma no vespertino, o número de alunos matriculados é muito baixo.

Os documentos que analisei eram das turmas do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano do turno matutino e vespertino. Neles li diferentes casos que foram levados para os orientadores educacionais, com o intuito de serem resolvidos pelos pais, a escola ou através de uma conversa com as crianças. Nessas fichas foi possível encontrar reclamações dos pais de alguns, atrasos escolares, alunos sem tarefas, sem materiais, pequenas discussões ou algo mais grave, como agressões físicas, verbais, destruição de patrimônio escolar, furto, *bullying* etc. O interessante de conseguir ter acesso a esses documentos foi poder ver como a escola, a família e os estudantes lidam com os ocorridos. Através da leitura pode-se ter uma ideia de como os alunos agem diante da ação da unidade, e, também, mesmo que não aparecesse com tanta frequência, foi possível ver a presença dos pais, fosse para conversas sobre os ocorridos ou para relatar algum. Assim, vendo a relação desses três lados, foi que a pesquisa finalmente foi tomando forma.

3. Os diferentes tipos de violências registrados nas fichas de acompanhamento.

Li e registrei pontos importantes de aproximadamente 60 fichas de acompanhamento de alunos, de 14 turmas diferentes do ensino fundamental I. As fichas traziam, nome do estudante, sua idade, ano, nome do responsável, e abaixo em uma folha pautada, escrito a mão pelos orientadores, os casos ocorridos. Foi perceptível a discrepância entre elas, algumas turmas possuíam apenas uma ou duas fichas em suas pastas, já outras possuíam dez ou mais. Nelas encontrei documentado, como já citei anteriormente, diferentes casos, dos mais leves aos mais sérios.

Para facilitar meu olhar e organizar a análise dos ocorridos, separei-os por diferentes tipos de violência. As categorias escolhidas foram: violência física, violência verbal, violência por negligência, violência psicológica, *bullying* e sexualidade como poder. Por essas serem as violências presentes nos documentos, todas as categorias apresentaram ao menos um caso, mas devo salientar que as violências mais registradas no ensino fundamental I foram a física e a verbal. Todavia devo trazer aqui que alguns casos se encontraram em duas ou mais categorias.

Abaixo pode-se ver a primeira tabela com o tipo de violência mais detectada, nela temos descrito os casos de maneira a preservar o nome do aluno, a turma, o gênero do estudante, sua idade e quem estava envolvido no ocorrido.

Primeira tabela:

Violência Física				
Casos	Turmas	Gênero	Idade	Envolvidos
Aluno M apresenta mau comportamento em sala como: agressão a colegas, é	1º ano matutino	Masculino	7 anos	Colegas de sala

impaciente, atrapalha as aulas com conversas e bagunças.				
Aluno W, Agressão contra uma colega. (Segurou o pescoço dela na hora do recreio).	2ºano Matutino	Masculin o	7 anos	Uma colega de sala.
O aluno P apresenta diversos ocorridos em sua ficha, como furto, mal comportamento em sala, ele também bate em colegas (agressão física) e persegue uma em particular, teve mais de um ocorrido com essa mesma menina, os pais dela já foram a escola reclamar dele.	2ºano Matutino	Masculin o	Não Consta	Colegas de sala e em especial uma colega.

<p>Aluno V, possui em sua ficha da orientação escolar mais de 7 ocorridos em um mês. A entre eles a reclamação da professora devido ao seu mal comportamento em sala, uso de palavras grosseiras com ela e os colegas, além de atitudes violentas como jogar borracha em terceiros e usar de chutes e socos.</p>	<p>2ºano Vespertino</p>	<p>Masculino</p>	<p>7 Anos</p>	<p>Professora e Colegas de sala.</p>
<p>O aluno B, apresenta 8 casos em sua ficha em 2 meses. Um deles é uma agressão física a uma colega mais velha.</p>	<p>2ºano Vespertino</p>	<p>Masculino</p>	<p>7 Anos</p>	<p>Aluna de outro ano.</p>
<p>A aluna E foi encaminhada à orientação</p>	<p>3ºano</p>		<p>Não</p>	<p>Estão envolvidas no</p>

educacional, pois foi VITIMA de socos, pontapés e também teve sua calça abaixada durante a aula de educação física	Matutino	Feminino	Consta	caso 4 colegas de sala da menina, 3 de 9 anos e uma de 8.
A aluna I possui em sua ficha seis ocorrências, além de mal comportamento o em sala, ela tem duas de agressão física, em uma ela agrediu uma colega e em outra, em quanto estavam limpando a sala, a professora acidentalmente deixou cair produto em sua perna (sapólio) está pediu desculpas, a aluna então limpou o	4ºAno Matutino	Feminino	12 Anos	No primeiro ocorrido a uma colega de classe está envolvida e no segundo a professora.

produto da sua perna e passou no rosto da professora e no braço.				
Aluno P, dois casos em sua ficha. Em uma ocorre um conflito com um aluno do 5ª ano, onde o aluno P desferiu um tapa no rosto do colega. E o segundo caso é uma agressão física a uma colega de sala.	4ºAno Matutino	Masculino	13 Anos	Um colega de outra classe e uma colega de sala.
O Aluno K, tem em sua ficha casos de agressão física contra os alunos E e A.	4ºAno Vespertino	Masculino	11 Anos	Colegas de classe
Aluno X, tem em sua ficha um caso de agressão onde passou cola no rosto de colegas	5ºAno Vespertino	Masculino	Não Consta	Colegas de Classe

Segunda Tabela:

Violência Verbal

Casos	Turmas	Gênero	Idade	Envolvidos
A mãe do aluno A veio até a escola relatar não concordar com o comportamento das professoras de ed. Física e prof. B para com o seu filho, elas o tratam através de gritos, ofensas e repressão, a mãe diz não aceitar esse tipo de tratamento com os alunos. Seu filho fala que não quer mais comparecer a escola pois tem medo das mesmas, assim a mãe solicita providencia por parte da	2º Matutino	Feminino	Adulta	Reclamação feita por uma mãe a orientação pedagógica

<p>escola. Ela diz que as professoras usam palavras como “peste”, “atentado”.</p> <p>Por parte da professora de ed. Física foi reclamado que ela humilha o estado do uniforme dos alunos e usa coisas particulares de suas vidas para ridicularizá-los.</p>				
<p>Mãe foi a escola relatar que sua filha M está sofrendo Bullying, por parte de uma colega, Y, que a está chamando frequentemente de “filha da puta”, “filhinha da mamãe” e diariamente pergunta, “porque está</p>	<p>3ºAno Matutino</p>	<p>Feminino</p>	<p>9 anos</p>	<p>Xingamentos frequentes a uma colega de classe.</p>

me olhando”.				
O ocorrido envolveu três estudantes, B, F e V. Em um primeiro momento durante o recreio, B e F brigaram e trocaram ofensas verbais. Em seguida na aula de artes F e V se agrediram verbalmente e trocaram ameaças por bilhetes.	5ºano Matutino	Feminino	10 e 11 Anos	Três colegas de classe.
Xingamentos constantes com conotação sexual dos alunos H e K para o aluno W, é visível que eles tentam usar destas ofensas para questionar a sexualidade do colega. Ofensas como: <i>veado, vadia, otário, boiola,</i>	5ºano Matutino	Masculino	11 anos	Colega de Classe

<i>prostituta</i>				
Caso de injúria racial. Onde a aluna V chamou a colega F de negra/ preta. V diz que a colega retrucou a comprando com uma bactéria.	5ºAno Vespertino	Feminino	10 anos	Colega de Classe

Ao examinar as duas tabelas, podemos ver duas diferenças marcantes, a primeira é a discrepância no número de meninos e meninas envolvidos nos dois tipos de violência, a segunda está na quantidade de casos em cada tabela.

Quando focamos na primeira tabela, somos capazes de ver um maior número de casos em que o agressor é do gênero masculino e a vítima, em sua maioria das vezes é do gênero feminino. Outro ponto que chama a atenção é a quantidade de casos envolvendo violência física, ao todo, juntando as duas tabelas, temos 16 casos apresentados, 68,7% são de violência física, e 81,8% deles foram praticados por meninos, onde sete vítimas eram meninas em onze dos casos, É possível observar que a violência nessa escola, esteja fortemente ligada as relações de gênero.

3.1 A violência na escola e a questão de gênero.

Gênero pode ser classificado como algo que identifica e diferencia homens das mulheres. Ele também pode ser usado como “sinônimo” para sexo, se referindo ao sexo biológico, como sexo masculino e sexo feminino. Entretanto, as ciências humanas vêm estudando o gênero de outra maneira, visando analisar suas questões como sociais e históricas.

A sociedade é formada por um grupo de pessoas que compartilham as mesmas crenças, línguas, territórios e cultura. Esta última, segundo Chauí (1999, p. 295), é “a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística”, práticas estas possíveis apenas devido | à relação com o Outro. É por meio da cultura que as construções sociais ligadas aos gêneros são repassadas para as gerações futuras, e a instituição escolas está diretamente ligada com essa transmissão.

De acordo com Couto (2013) a união entre as delimitações biológica e social faz com que o corpo que possua uma marca biológica de gênero, atraia para si características que determinarão se o sujeito será representado socialmente como masculino ou feminino. Temos assim os significados e signos que determinam o que é ser homem e o que é ser mulher na nossa sociedade.

Para entendermos melhor vamos usar um nascimento hipotético de uma nova vida. Ao nascer uma criança que possui o órgão reprodutor masculino, conhecido como pênis, passará a vida carregando consigo determinados signos ligados ao gênero masculino. É provável que em seu quarto de bebê se possa ver cores que a nossa sociedade determina que sejam de menino, como tons mais escuros de azul e também brinquedos que reforcem que esse novo bebê é um menino, como carrinhos, ursos de pelúcia, aviões, caminhões etc.... assim como suas roupas e os desenhos aos quais irá assistir. Com o passar dos anos a divisão de gênero fica mais presente na vida dessa criança, além das roupas, e do que pode ou não assistir na televisão, existirá também lugares que poderá ou não frequentar, produtos que podem ou não serem consumidos, maneiras corretas de falar, de se portar, com quem deve ou não conviver, formas de agir em um relacionamento amoroso, ou com qual gênero é aceitável ou não se envolver sexualmente, empregos que poderá ou não escolher, entre infinitas outras coisas que são ou não socialmente aceitáveis para o seu gênero.

Todas essas regras e costumes estão tão arraigados em nossa cultura que são transmitidos em sua maioria de maneira inconsciente e automática. Assim se cria e se transmite as construções sociais, não só a de gênero, mas também de etnia, sexuais e religiosas, é a através da cultura e da socialização que se constrói as diferenças, mas também as desigualdades.

Na sociedade atual, ainda há papéis distintos para homens e mulheres, os homens possuem lugares de destaque na sociedade, seja no campo do trabalho, da política, das artes, ciências, mas também em casa. Por séculos o homem ficou responsável por chefiar a família, cabia a ele o papel de disciplinar os filhos e até a esposa, muitas vezes partindo para a violência, o sustento desse pequeno núcleo da sociedade também dependia financeiramente dele. Para a mulher restava o papel social de cuidar da honra do marido, como já apareceu em um capítulo anterior, mas também cuidar dos filhos e do lar, ou seja, atividades consideradas inferiores e indignas de um homem realizar.

Com as mudanças sociais decorrente, a mulher foi conseguindo alterar seu papel na sociedade e assim adquirir novos direitos, como: acesso ao mercado de trabalho, ao aumento de anos de escolaridade e também mudou em seu papel dentro da família. Segundo uma reportagem do G1⁶ (site de notícias da rede globo) de 2012, 37,3% das famílias no Brasil eram chefiadas por mulheres no ano 2010 e 46,4% por mulheres que possuíam maridos em casa, segundo dados retirados do IBGE.

Entretanto apesar da evolução das mulheres dentro da sociedade, ainda é muito presente a desigualdade de gênero. Nossa cultura ainda transmite esses papéis destinados a cada gênero e a escola os reforça. Para Couto,

A escola é uma das instituições sociais na qual os/as jovens se relacionam cotidianamente, é uma estrutura que gera e impõe poder, cria e alimenta discursos capazes de instituir diferenças tomadas como irreconciliáveis entre os sexos; local onde os/as discentes não são seres passivos, que apenas reproduzem os conhecimentos auferidos na sala de aula [...] É também local de resistência, de mediação, onde as tradicionais identidades de gênero são construídas, reforçadas e sedimentadas [...] (COUTO, 2013 p. 6).

6 Reportagem: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/10/familias-chefiadas-por-mulheres-sao-373-do-total-no-pais-aponta-ibge.html>

Assim passa a ser também na escola que a violência se manifesta apresentando componentes de gênero. Ela se estrutura como espaço racional, e assume um papel importante na (re)construção de diferentes identidades de gênero, entretanto, vale ressaltar que a escola não é o único agente de socialização, pois a criança já nasce dentro de um ambiente cultural particular. Desta maneira, pais, professores e outros educadores que possuem uma visão de mundo socialmente construída, transmitem à criança o tipo de comportamento que se espera de meninos e meninas. Nesse contexto, a escola assim como outras áreas da vida social, possui uma ideia bastante clara sobre o que é o “ideal de homem”. Mesmo a escola não sendo o principal contexto onde esses padrões são construídos, ela ainda propaga as mesmas imagens de gênero que estão presente em toda a sociedade (Barbosa & Nogueira 2017).

Andrade (2004), em sua pesquisa sobre violência e questões de gênero na escola, aponta que a violência na escola está evidentemente ligada as relações de gênero, afirmando ainda que no ensino fundamental e médio, é evidente que os meninos e os jovens são, em sua grande maioria os agentes da violência escolar. Couto (2013) trouxe em sua pesquisa um quadro de violência entre jovens no Brasil em que se observa que em 2010 foram 5.686 crianças assassinadas, ou seja, naquele ano 24 crianças morriam a cada dia do ano. Os homicídios de crianças do sexo feminino representavam 10%, sendo assim 90% das mortes eram de crianças do sexo masculino. A autora aponta que esse resultado, em parte, vem dos valores arregrados na construção da identidade masculina, para a qual se adotam comportamentos de risco e atitudes consideradas de “macho” vinculadas à exposição a múltiplas violências.

As diferenciações de gênero criam masculinidades e feminilidades na sociedade, para os homens é esperado atributos, como “a dominância e a instrumentalidade”, para as mulheres a “submissão e a expressividade” (AMÂNCIO, 1994), assim a cultura do feminino é marcado pela passividade, sensibilidade e irracionalidade; no oposto temos na masculinidade a “(...) tenacidade, dominância, extrema competitividade, espírito de luta, e repressão da empatia” (MIEDZIAN, 1996, p. 11), com resultado da construção desse fenômeno nas crianças do sexo masculino temos com resultado altos índices de participação

deles na violência física, e a dominância do gênero masculino para com a feminino quando olhamos o público mas atingido pela violência na escola.

Ao lado oposto e complementar à violência física, temos a verbal, apresentada na segunda tabela, lá se pode encontrar 5 ocorridos, com 80% dos agressores do gênero feminino e 60% das vítimas também. A violência verbal em sua maioria é praticada por alunos na faixa etária de 9 a 11 anos, pelo menos é o que ocorre nos casos registrados da escola.

Sobre o fator que leva o gênero feminino a se sobressair em meio a violência verbal, Souza, Medeiros e Duarte (2010) em seu estudo de gêneros, sexualidade e ética, indicam que em relação ao *bullying* o gênero que se destaca é o masculino, já em relação às meninas, os autores retratam que algumas das vezes os métodos utilizados por elas são indiretos, tais como fofoca, manipulação entre amigos, mentiras e exclusão do grupo, métodos esses que aparecem e alguns dos casos registrados nas fichas da escola.

Considerando os estudos de Andrade (2004), Sousa, Medeiros e Duarte (2010) e Couto (2013) podemos ver que as diferenças entre as duas tabelas são reflexo das relações entre os gêneros, algo do convívio macro da sociedade, que é levado para o universo micro da escola. Assim enquanto o gênero masculino se destaca na violência física, o feminino domina a violência verbal, porém algo que eles têm em comum é que em sua maioria as vítimas são femininas.

Entretanto esse é um olhar mais geral que se faz quando se analisa de forma algo superficial esses casos, se formos mais a fundo encontraremos, questões como: sexualidade, autoritarismo docente, família e o lugar do aluno em meio a tudo.

3.2 *Bullying* e sexualidade

O *bullying* já foi uma das violências trazidas no começo dessa pesquisa, já abordei dados, notícias e suas consequências. Porém, a

natureza dessa violência ainda não foi explicada, o *bullying* possui algumas características únicas que o torna diferente das outras violências, como a constante frequência com a qual a vítima é perseguida e o caráter repetitivo com o qual ocorre, sejam verbais ou físicas. O *bullying* pode partir de um colega ou de vários, que têm a intenção de ver a vítima sofrer com as provocações ou agressões.

Já a sexualidade é um assunto delicado que deve ser abordado neste tópico, já que um dos casos de *bullying* relatados na escola está justamente ligado a ela. A sexualidade envolve as práticas eróticas do ser humano, ou seja, suas escolhas afetivas e objeto de desejo sexual. Do mesmo modo que o gênero, a sexualidade é culturalmente estabelecida e tem distinções em diferentes grupos e culturas. O conceito de sexualidade, na cultura brasileira está intimamente ligada ao gênero. Assim sendo a Heterossexualidade ocupa uma posição superior à homossexualidade, que é compreendida como inferior. Logo podemos falar que a sexualidade é marcada por práticas heteronormativas.

A heteronormatividade é definida como um conjunto de normas sociais heterossexuais que orienta a sexualidade e as expectativas, possibilidades e as obrigações sociais, esses mesmo conjuntos de normas irão servir tanto para a sexualidade quanto para o gênero, sendo assim, a normas que já comentamos anteriormente servem para os dois. Por esse motivo, em nossa sociedade, o gênero e a sexualidade então intimamente ligados, mesmo que tenham significados diferentes. Como a heterossexualidade é tida como natural, as normas de poder e controle das condutas do mesmo modo são tidas como normais, e qualquer desvio desse padrão de comportamento e sexualidade é considerado anormal.

A escola, como sabemos, cumpre o papel de transmissão dos conhecimentos, porém não só das disciplinas obrigatórias, devem ser também incluídas as discussões, entre outras, sobre respeito e o reconhecimento dos direitos humanos e das questões sobre gênero e sexualidade. Entretanto há inúmeras barreiras que essas temáticas encontram para entrar na escola, o que acaba ocasionando dentro da instituição um reflexo da sociedade em que ela está inserida. Barduni e Sousa (2008), em seu trabalho sobre homossexualidade e *bullying*, apontaram que ao mesmo tempo em que o Brasil tem um recorde de

participantes na parada LGBTQ+, também é o país do mundo com o maior índice de violência por homofobia.

As normas da heteronormatividade, mais a falta de discussão sobre essas questões, a sociedade em que estamos inseridos e o *bullying*, levam as crianças e suas características sexuais a serem as maiores vítimas desse tipo de violência na fase escolar⁷.

Quando foram selecionados os casos de violência da escola, 2 entraram no tópico do *bullying*, ambos ocorreram nos 5º anos, um no vespertino e outro no matutino. O caso da turma da manhã chama a atenção pelo fato de o aluno sofrer constante perseguição desde a sua entrada na escola, que ocorreu no mesmo mês em que as fichas de acompanhamento começaram a ser utilizadas.

Caso:

5º Ano Matutino:

Um aluno novo W, que chegou há um mês, em seu primeiro dia já teve um problema com um aluno do 4º ano, que o recebeu com um tapa no rosto; já com a sua turma foi relatado que ele está sofrendo bullying de dois colegas, H e K (11anos), que o xingam constantemente de veado, vadia, otário, boiola, prostituta, esses colegas também desenham pênis nas cadeiras e jogam nele bilhetes com palavrões. Em sua primeira semana ele acabou brigando com o menino do 4º ano e quando perguntado se ele queria mudar de turma, ele negou.

É possível ver na descrição dos ocorridos, que as agressões verbais e humilhações que o aluno vem sofrendo são remetidas à sua

⁷ Tenho conhecimento que a sexualidade não é o único fator que leva uma criança ou adolescente a sofrer *bullying* na escola, as diferenças físicas, religião, nacionalidade e outros, também aparecem também como motivação para a perseguição.

sexualidade e gênero. Barduni e Sousa (2008) dizem que a linguagem é algo muito importante dentro da conjuntura da escola e do *bullying*, pois a criança acaba ouvindo e reproduzindo os termos pejorativos, como os declarados pelos alunos do 5º ano. É desta maneira que a masculinidade se afirmar contra a homossexualidade, e impede a criança de se entender, já que ela cria dentro de si a repulsa sobre tudo aquilo que é considerado diferente, uma vez que os xingamentos e acusações são ditos com tanta ênfase.

Desta maneira os autores supracitados explicam que essas práticas sociais nada mais são que o preparo do menino para se portar como um homem viril, já que a sensibilidade ou qualquer tipo de emoção ficam a cargo das meninas que são tidas como mocinhas delicadas e frágeis.

Novamente entramos aqui na questão de gênero, e como ela está ligada com a violência. Se a violência física é onde a masculinidade deve ser afirmada através da agressão, aqui na intimidação, nos xingamentos e na perseguição, ela é questionada, pois segundo os autores nessa sociedade o gênero masculino e a sexualidade heteronormativa está acima dos demais, e tudo aquilo que remete ao feminino e ao seu universo, mexe com a masculinidade e a virilidade. Há afirmação da sexualidade também aparece nos casos da escola que não envolvem *bullying*, como em um ocorrido registrado na mesma turma do aluno W:

5º ano Matutino:

A maioria das fichas presente na pasta do 5º ano eram de meninos, eles apresentam em sua maioria mau comportamento em sala, muitos têm mania de se masturbar em aula, de enrolar falsos cigarros de maconha, má atitude para com a professora. O aluno H (11 anos) tem o particular hábito de jogar jogos sexuais no celular, de levar folders de prostitutas para a sala; quando chamada a mãe, ela disse que isso se deve ao fato dele andar em má companhia.

Está claro que o sexismo na escola, causa sofrimento à criança, que assim irá aprender que ela deve se comportar como menino, ou menina, de acordo com o órgão sexual dela, sendo privada a criança de expor sentimentos, vontades, colocando em risco o processo pedagógico, e psicológico infantil, e adolescente. A discriminação no âmbito escolar abre um caminho de difícil volta na vida de da criança, já que este carregará para sempre na memória essa fase da vida, além de poder reproduzir futuramente a discriminação sofrida, num despertar de violência (Atos homofóbicos). (BARDUNI; SOUSA ,2008 p. 1069).

Desta maneira os agressores, para humilhar suas vítimas e as coibir, apontam as tendências consideradas homossexuais que ela possuiria, causando assim sofrimento prolongado na criança, que muitas vezes sofre calada, caso não seja detectada a violência. Assim, vemos aqui o fenômeno também da violência simbólica, como apontam Barduni e Sousa (2008), violência essa que tem pode ter efeito maior que a física.

As marcas deixadas pelo *bullying* sofrido podem levar anos para cicatrizar, como apontam os autores, são memórias que a criança poderá carregar durante toda a vida, podendo levar a problemas psicológicos futuros, como o praticar da violência ou ao suicídio, como já foi trazido no primeiro capítulo dessa pesquisa. Entretanto a também os problemas que a criança enfrenta dentro da escola por consequência das agressões, constante perseguição e isolamento social.

O quadro da violência vai progressivamente se agravando, e os sintomas vão aos poucos sendo percebidos em casa, como medo, depressão, fobia pelo contato com outras crianças, pesadelos, e isolamento, e medo da escola sendo explicado através de mentiras para não ir a aula... (BARDUNI; SOUSA, 2008, p. 1071).

Aqui podemos trazer o segundo caso registrado nas fichas da escola. Não há registro de quanto tempo o aluno estava sofrendo esse tipo de violência, nem por que motivo era perseguido e rejeitado pelos

colegas, porém em sua ficha de comportamento podemos ver as consequências para ele.

Caso:

Aluno T, 5ºano, sofre Bullying e por este motivo apresenta seu desenvolvimento de aprendizagem prejudicado, ele não consegue escrever direto, tem muita timidez e é constantemente perseguido pelos colegas dentro e fora de sala, já deixou claro que não deseja frequentar a escola.

No caso do aluno T, a escola estava ciente dos problemas pelos quais ele passava, porém em sua ficha não fica claro que atitude foi tomada para ajudá-lo com seus problemas. Encontra-se apenas o registro da ida do seu responsável para conversas sobre suas dificuldades de aprendizagem.

Para auxiliar às crianças que sofrem com esse tipo de violência é importante que os pais ou responsáveis tenham noção por que tipo de situação seus filhos estão passando. Logo, é importante que aqueles tenham um bom diálogo com a criança, mais também com a escola, e que esta tenha atenção às relações que as crianças e ou adolescentes possuem dentro da instituição.

Desta forma a relação que a escola e as famílias devem manter é de equilíbrio, a escola não deve ficar responsável pelo que é encargo da familiar, tampouco a família deve ficar responsável pelo que de incumbência da escola. Todavia, nem sempre essa relação é equilibrada, então surgem as dúvidas, o que é responsabilidade da escola? O que deve ser responsabilidades dos pais? Se os responsáveis não sabem como lidar com as situações, fica a cargo de quem cuidar?

4. A Relação Escola x Família.

A educação e o desenvolvimento do indivíduo como ser humano se dão a partir de duas instituições sociais fundamentais, a primeira é a família em meio a qual a criança nasce, e a segunda é a

escola. A educação, ensina Durkheim (2016), é um sistema que se impõe aos indivíduos no contexto de cada sociedade. Ou seja, se constrói um modelo de educação e este se fixa no modelo de cidadão ideal que a sociedade deseja, perpetua e reforça.

É a partir dessa educação que o “ser individual” se transfigura em “ser social”. Assim Durkheim afirma que a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que não estão ainda maduras para a vida social. Seu pensamento vai além e diz que é necessário levar a criança a alcançar um certo desenvolvimento físico, intelectual e moral. Esse desenvolvimento se dá por uma socialização metódica da nova geração.

Essa socialização metódica se opera desde o nascimento da criança, em seu convívio com a família, isto é, com a primeira instituição primordial da sociedade. Desta forma, ao chegar na escola, de acordo com Outeiral (2003),

...a criança chega na escola, levando consigo aspectos constitucionais e vivências familiares, porém o ambiente escolar será também uma peça fundamental em seu desenvolvimento. Estes três elementos - aspectos constitucionais, vínculos familiares e ambiente escolar - constituirão o tripé do processo educacional. (OUTEIRAL, 2003, p. 9-10).

A escola passa a ser então o centro da continuidade social, quando se trata da transmissão de valores, das normas e dos saberes. É nela que há de se “...promover o desenvolvimento do indivíduo, tornando-o capaz de enfrentar múltiplas situações...” (ASSIS, 1994, p. 130).

De acordo com a visão de Assis (1994) a escola não deveria se limitar à aquisição dos conteúdos produzidos historicamente, pois a aquisição de conteúdo simplesmente apenas para aquisição, não favorece em nada o desenvolvimento do raciocínio flexível e criativo. Para Polônia e Dessen (2005) a escola deve ir além da apreensão de conteúdos e buscar a formação do cidadão que está inserido na sociedade, de forma que estes sejam críticos e agentes da transformação. Se olharmos para a instituição em tela da mesma forma que esses autores, podemos dizer então que a escola não só forma o indivíduo à

maneira que a sociedade impõe, mas, sim, tem o poder e o dever de transformar o humano no cidadão que a sociedade necessita. Entretanto essa formação não se limita apenas à escola, como já foi dito, a família cumpre um papel inicial e fundamental na educação da criança.

A família tem um papel principal na socialização da criança, como já apontou Durkheim, é através dela que o ser humano tem seus primeiros contatos com a cultura. É papel da família também o auxílio na organização escolar e na transmissão de equilíbrio emocional e afetivo para a formação da criança. Kaloustian (1998, p. 12) ressalta ainda que “Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos o valor ético e humanitário, e onde se aprofundam os laços de solidariedade”.

A educação é de responsabilidade tanto da família quanto da escola. Quando um dos lados não sabe como exercer sua responsabilidade para com a crianças, temos uma sobrecarga no outro lado, que passa a ter que desempenhar todos os papéis. Quando se trata de levar o tema da violência para os responsáveis, na escola em que foi realizada a pesquisa, é possível ver um padrão nos documentos, as orientadoras chamam os responsáveis das crianças ou adolescentes, para pedir que esses tomem alguma atitude, conversem com os filhos, pensem uma mudança etc. Esta parece ser uma atitude padrão de todas as instituições escolares, já que é esperado que os responsáveis assumam seu papel diante o problema apresentado pela escola.

Muitos responsáveis afirmam que irão realizar uma conversa, fazer um pedido, ou disciplinar seus filhos, mas há casos em que os pais não respondem ao chamado da escola para conversar, negam que a criança apresente tal comportamento, outros admitem que não sabem o que fazer, e pedem que a escola tome sozinha alguma atitude sobre seu filho, e também com muita frequência utilizam do diagnóstico médico, evocando o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) para explicar as atitudes da criança.

Podemos ver, então, que em casos como esse, a medicina pode entrar também no meio do conflito entre a escola e a família. Aparece então o fenômeno da medicalização. Para Meira (2012), a medicalização é entendida como um processo por meio do qual são levados para o campo médico problemas que fazem parte do dia a dia dos sujeitos. Desta maneira de acordo com ela, eventos de origem social e político são convertidos em questões biológicas. Por conta desse processo, Meira

(2012), utilizando da pesquisa de Welch, Schwartz e Woloshin (2008) afirma que

...a medicalização da vida cotidiana, capaz de transformar sensações físicas ou psicológicas normais (tais como insônia e tristeza) em sintomas de doenças (como distúrbios do sono e depressão), vem provocando uma verdadeira “epidemia” de diagnósticos. Os progressos tecnológicos, os quais permitem a produção de equipamentos e testes capazes de fazer diagnósticos de indivíduos que ainda não apresentam sintomas de doenças, aliados a alterações contínuas dos valores de referência utilizados para se diagnosticar doenças, têm como consequência principal a transformação de grandes contingentes de pessoas em pacientes potenciais. (p.136).

Essa epidemia de diagnósticos e tratamentos é altamente prejudicial à saúde, e altamente vantajosa para os grandes laboratórios, desta forma a indústria farmacêutica está cada vez mais ocupando lugar de destaque na economia, como afirma Meira (2012).

A medicalização infantil é um fenômeno crescente dentro da escola. O encaminhamento de alunos para processos de avaliação médica é alto, pode-se acompanhar crescente demanda à clínica (médica, fonoaudiológica, psicológica, psicopedagógica) de alunos com dificuldades escolares. É o aluno apresentar ou possuir alguma dificuldade escolar, que já é visto como possuidor de alguma disfunção ou transtorno, o que acaba interferindo no seu processo de aprendizagem. Muitos desses sujeitos, após avaliação com especialistas da área da saúde, recebem diagnósticos (SIGNOR; BERBERIAN; SANTANA, 2017). Assim vemos de maneira crescente dentro das escolas crianças com diagnósticos como TDAH, Transtorno Desafiante Opositor (TDO), Transtorno bipolar, Transtorno de ansiedade, Transtorno de aprendizagem, Dislexia, dentre outros.

Meira (2012) realçou em seu trabalho a pesquisa realizada por Cecília Azevedo Collares e Maria Aparecida Moysés (1982 - 1996), segundo a qual foi possível evidenciar de modo quase que unânime os problemas biológicos como causa justificativa discursiva determinante para a não aprendizagem na escola. As duas grandes causas que

docentes e agentes as saúde apresentavam como “explicação” eram justamente disfunções neurológicas, com já apontaram Signor, Berberian e Santana (2017), e a outra era desnutrição. Meira denotou que nas pesquisas de Collares e Moysés é possível não raro ver que a criança que frequenta a rede pública de ensino é geralmente apontada como desnutrida.

Existem duas vertentes que trabalham com o acontecimento das disfunções neurológicas, a primeira tenta explicar o TDAH, e apoia os pesquisadores que acreditam nesse transtorno. Uma outra acredita nos pesquisadores que concebem os chamados Transtornos Funcionais Específicos como decorrentes de um processo de medicalização da educação, isto é, de redução de questões de cunho social, educacional, político, linguístico, pedagógico e afetivo a aspectos de ordem biológica (SIGNOR; BERBERIAN; SANTANA, 2017). Sendo o TDAH um transtorno real ou apenas uma consequência do processo de medicalização da educação, ele é um dos mais diagnosticados em crianças no Brasil: “...um estudo realizado por Fontana et al. (2007), em quatro escolas públicas brasileiras, em uma população de 602 escolares, com 461 participantes, os pesquisadores chegaram a um percentual de 13% de crianças que, após avaliação médica, receberam o diagnóstico.” (SIGNOR; BERBERIAN; SANTANA, 2017).

Se olharmos para os casos da escola, podemos ver justamente o processo de medicalização servir como uma desculpa para isentar tanto a escola como a família de seus respectivos deveres para com a criança. Sendo real ou não o TDAH, os aspectos biológicos nos casos registrados vêm servindo de fator para a falta de desenvolvimento e aprendizagem.

Algumas fichas lidas apresentam falas, pedidos ou relatos de responsáveis sobre as atitudes das crianças; nesses pequenos relatos podemos ver as situações apresentadas nos parágrafos anteriores, como negação por parte dos responsáveis, não saber como lidar com as crianças ou usar como saída o diagnóstico médico.

2º ano Matutino:

Mau comportamento por parte da aluna T, Sua mãe foi chamada para uma conversa já que a professora regente reclamou de frequentes atitudes de deboches, desrespeitos, desafios e por não atender aos

combinados. A mãe falou que em casa a filha também tem atitudes rebeldes, e que conversa com ela sobre isso, ela pede que a escola tome uma atitude sobre o comportamento da filha. A mãe disse que continuará a conversa com a filha mais diz não achar que será suficiente.

Caso 2º ano Matutino:

O aluno W (7 anos) tem duas anotações em suas fichas, uma por agressão contra uma colega (segurou o pescoço dela na hora do recreio), quando levado a sala da orientação ele se comprometeu a mudar de atitude. Já a segunda anotação em sua ficha é por mau comportamento em sala para com a professora regente, ele frequentemente debocha, desafia, e não atende aos combinados, a mãe diz que ele tem TDAH.

Caso 2º ano Matutino:

A ficha do aluno (P) apresenta diversos ocorridos no mês de março, com situações dentro de sala, como: falta de respeito com professora, furto de objetos de colegas (brinquedo e pulseira), ele também bate em colegas (agressão física) e persegue uma em particular. Teve mais de um ocorrido com essa mesma menina, ele apresenta a intenção de ver ela triste, os pais dela já foram a escola reclamar dele. O aluno não se concentra, desafia, tem dificuldade de se relacionar com as outras crianças e se recusa a realizar as atividades, já tendo até chegado a amassar uma e jogar no chão. A mãe chegou a comparecer à escola e dizer que o mesmo tem Dislexia a TDHA. O último ocorrido em sua ficha é sobre uma garrafa

com bebida alcoólica que ele havia levado à escola e oferecido aos colegas. Quando a mãe foi chamada novamente à escola, ela continuou a ligar o comportamento do filho ao laudo.

Caso 5º ano Vespertino:

Aluno X tem em sua ficha um caso de agressão, quando passou cola no rosto de colegas, pulou o muro da escola, jogou comida nos outros e a mãe insiste em dizer que seu filho não apresenta esse tipo de comportamento em casa.

No caso da mãe que pediu que a escola tomasse uma atitude sobre o comportamento da filha, podemos ver que ela não sabe como exercer sua autoridade sobre a filha, talvez por receio de perder o carinho ou amor da criança, ou por ter medo da sua rebeldia, já que aponta que não tem mais esperança em uma mudança de atitude da filha. Esse tipo de posicionamento por parte dos pais leva a escola assumir um papel que não cabe só a ela. Como afirma Kaloustian (1998) cabe à família o papel de ensinar os valores éticos e humanitários. A constituição do nosso país também defende a sua maneira tal afirmação. O artigo 205 da Constituição Federal afirma:

A educação direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Sendo assim pode-se afirmar que cabe a família junto com a escola ensinar os valores éticos e humanitários, usando uma formula onde um apoie o outros.

Nos casos em que os responsáveis utilizaram do laudo da criança como justificativa para o comportamento da criança, podemos concluir que elas esperam que após o diagnóstico a escola saiba como lidar com tudo que envolva a doença, distúrbio ou dificuldade expostos

nesse laudo, como o mau comportamento. A escola deve ser responsável, sim, por pensar em uma forma de ajudar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças que possuem algum diagnóstico. A escola em que foi realizada a pesquisa possui uma sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e segunda professoras em sala para os alunos que precisam. Porém no terceiro caso, podemos ver que o mau comportamento da criança em sala dificultava a aprendizagem. Também se pode pensar que o seu mau comportamento seria derivado das dificuldades de aprendizagem, sendo uma forma dele expressar suas frustrações.

Quando olhamos esse caso em específico, fica claro que tanto a escola quanto a mãe estavam apenas buscando uma forma de jogar a responsabilidade para o outro lado. Quando se viu sem saída para o que fazer sobre o comportamento do filho a mãe jogou a culpa para o laudo.

Quanto à negação por parte da família, surge uma dificuldade por parte da escola em realizar seu trabalho, ela não tem a permissão para ajudar a criança nas mudanças de seu comportamento. Como vimos tanto a família como a escola tem por lei o dever de educar a criança, no momento em que a família não permite ou rejeita a intervenção da escola sobre o comportamento da criança, temos um impasse, onde em grande maioria das vezes a escola perde.

Apesar de a escola manter um vínculo com as comunidades de seu entorno e apresentar nos seus eventos uma boa relação com as famílias é possível ver que em alguns casos há uma dificuldade de comunicação entre essas duas instituições. Desta maneira as crianças continuam perdidas em meio à complicada comunicação entre a escola e a família, tendo ainda seus conflitos com seus pares, procurando resolver estes por meio de mais violência e ainda em alguns casos tendo um atribulado diálogo com funcionários da escola e os docentes. Nesta última relação, vemos um embate complicado, de um lado temos crianças sofrendo com a relações confusas já citadas, e, do outro, professores e professoras que tentam realizar seu trabalho da melhor maneira possível, às vezes eles são agressores, mas em outras situações vítimas.

5. Docente e a Violência

Sobre o docente, é interessante perceber que apenas um caso foi registrado contendo uma reclamação sobre professores. Em relação à

violência sofrida pelos docentes, temos apenas um caso registrado, porém outros diversos relatam grosserias e palavras ofensivas a eles direcionadas. No caso da reclamação feita contra uma professora, é possível ver que não partiu de alunos ou outros funcionários da escola, foi necessário que uma mãe viesse reclamar, oficialmente, para que a situação conseguisse ser resolvida ou, pelo menos, conversada. O caso é o primeiro apresentado na tabela de violência verbal, ele foi registrado na ficha de um aluno do segundo ano do ensino fundamental, nele se pode ver a indignação da mãe com a forma como as professoras vinham tratando os alunos. Segundo ela, uma das professoras usa de gritos, ofensas e repressão com as crianças, outra também usa palavras como “peste” e “atentado” para se referir aos alunos. Uma terceira humilha os alunos pelos estado das suas vestimentas e usa de fatos particulares deles para ridiculariza-los.

Silva e Silva (2013) e Njaine e Minayo (2003), em suas pesquisas sobre violência por parte dos professores e violência na escola, respectivamente, observaram que a maior violência cometida por professores e funcionários de escolas é a verbal. Segundo Silva e Silva (2013), a maior frequência de casos ocorre justamente no ensino fundamental I, e se dá, segundo as autoras, por causa do comportamento indesejável por parte dos alunos. Já Njaine e Minayo (2003) que em sua pesquisa entrevistaram alunos, vão além e afirmam que fora as agressões verbais que sofrem por parte das autoridades escolares, eles ainda se sentem prejudicados com o descaso por parte da escola em relação à violência.

Talvez analisando as duas pesquisas possamos entender o porquê de termos apenas uma reclamação realizada à orientação escolar sobre o comportamento do(a)s professore(a)s. Quando lemos novamente o caso trazido pela mãe, e o único registrado de violência do professor, podemos ver que as professoras não têm esse ato violento somente com seu filho, é possível ver na fala a preocupação dela com os outros alunos também. Porém ela é a única a reclamar, assim pode-se concluir que a escola faz pouco caso de reclamações feitas sobre seus funcionários, e ou como na pesquisa de Silva e Silva (2013), os pais concordam que seus filhos tenham tido comportamento indesejável que levou a tal atitude por parte dos professores. A conclusão do caso do aluno do segundo ano foi um repasse da reclamação da mãe para as duas

professoras, e segundo o que estava na ficha, iriam elas repensar as suas atitudes.

Um fator que deve ser considerado quando pensamos nas relações entre professores e alunos que se dão por meio desse tipo de violência são as marcas que elas deixam nos seres mais frágeis dessa relação, os alunos. Não são poucas as pessoas adultas, ou até mesmos adolescentes, que possuem memórias ruins de professores que os humilharam, desmotivaram ou reprenderam de forma agressiva. Essas marcas afetam as emoções, como o aluno citado, que apresenta medo das professoras, ou de alunos que desistem de continuar sua educação, passam a ir mal na escola, se sentem acuados e nervosos. Essa violência verbal que leva à psicológica, não deixa marcas visíveis, porém pode deixar feridas internas que perduram por tempos.

Entretanto, podemos também investigar o porquê de um profissional que trabalha com outros seres humanos, e que escolheu para si a tarefa de ensinar, teria tais atitudes dentro de sala de aula. Em uma pesquisa realizada por Davi Baasch, Rafaela Trevisan e Rodrigo Crus (2015), do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que buscou descobrir o perfil epistemológico dos servidores públicos do estado afastados do trabalho, foi possível através dos dados coletados entre 2010 a 2013, que o maior índice de afastamento no estado por TMC (Transtorno Mentais e de Comportamento) é por mulheres, nas categorias de transtorno de humor e também estresse. Os homens lideram no afastamento por transtorno mentais e de comportamento.

O órgão do estado que mais apresenta prevalência de afastamento por TMC é a Secretaria de Educação. De dezenove funções analisadas, oito reúnem servidores ligados à educação, e o que mais assusta, além desses dados, é que dessa oito, seis estão acima da média geral de afastamento da pesquisa, que é de 19,31%. Professores do ensino fundamental e médio apresentam uma média de 27,55%, atrás apenas dos supervisores escolares, administradores e orientadores educacionais (BAASCH; TREVISAN, CRUS, 2015)

Em uma entrevista para o portal de notícias do Diário Catarinense, realizada em janeiro de 2017, um representante do Sintrasem, (sindicato dos trabalhadores do serviço público municipal),

afirma que o grande índice de afastamento de servidores da Secretaria de Educação se dá pelo fato dela possuir uma quantidade maior de funcionários, se comparada a outras secretarias, mas o mais importante é destacar os motivos de sobrecarga dos profissionais da educação, com os professores e orientadores sobrecarregados pela superlotação das salas de aula e excesso de avaliações externas e internas, além de demandas administrativas.

A reportagem vai além e reforça os dados trazidos pela pesquisa realizada pelo Departamento de Psicologia da UFSC, afirmando que a maior causa de afastamento de servidores é por depressão, ansiedade e outros transtornos. Outro fator interessante que aparece na reportagem é o afastamento de professores por conta do desgaste do aparelho fonológico, ou seja, a voz.

Depois de analisar essas duas fontes, podemos criar um perfil dos professores afastados do estado de Santa Catarina. São em sua maioria mulheres, estas são maioria no meio dos profissionais de ensino infantil e fundamental, com desgaste vocal ou que possuem algum transtorno, como depressão, ansiedade ou outros. Tudo isso gerado por salas superlotadas e um ambiente de trabalho muitas vezes sucateado, que é o das escolas públicas.

Podemos ver isso quando analisamos a negligência para com a sua saúde física e emocional dos professores, tudo isso por conta da enorme carga de horas de trabalho que se deve cumprir para suprir a demanda de alunos dentro das escolas superlotadas. A violência que esses profissionais estão também tentados a sofrer pode também resultar no afastamento, por conta do abalo emocional que sofrem. A escola em que foi realizada esta pesquisa apresentava em seus registros um caso de violência física sofrida por uma professora. Esse caso aparece na tabela número 1, e foi registrado na ficha de acompanhamento de uma aluna do 4º ano matutino.

Caso:

A aluna I (12 anos) possui em sua ficha seis ocorrências, além de mau comportamento em sala. Também possui registrado duas agressões físicas, uma contra uma colega e a

outra contra a professora. Esse segundo o relato escrito em sua ficha, ocorreu no dia em que a turma estava realizando a limpeza da sala, segundo o relato a professora acidentalmente deixou cair o produto de limpeza (sapólio) na perna da aluna, pedindo desculpa pelo ocorrido prontamente, a aluna em resposta limpou o produto da sua perna e passou no rosto da professora e no braço da mesma.

A escola possui apenas um caso de violência física contra professores em seus arquivos, entretanto a violência sofrida por professores está presente em todo o país e pode haver casos não relatados na instituição.

Um caso recente⁸ abriu novamente a discussão sobre tal tema no país. Em setembro deste ano, um professor em Rio das Ostras, no interior do Rio de Janeiro, foi agredido e humilhado por alunos, tudo foi filmado por eles. Durante aproximadamente três minutos podemos vê-lo sofrer humilhações, ser impedido de sair de sala, e a sala ainda sofre vandalismo quando um aluno quebra o quadro e outro destrói as provas entregues pelo professor. Tudo ocorreu em uma sala do 9º do ensino fundamental. Após tal ocorrido é que foi descoberto que antes de tal caso o professor já vinha sofrendo com agressões verbais de cunho racista, tal fator mostra a negligencia que os professores sofrem dentro da escola.

Casos como o registrado pela ficha de acompanhamento e do professor na escola do Rio de Janeiro, podem e muitas vezes levam ao forte abalo emocional que acarreta em mais violência ou num afastamento, como foi demonstrado na pesquisa realizada pela UFSC. Esses fatos demonstram que os profissionais da educação estão tão

8 Reportagem sobre o professor de Rio das Ostras -

https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2018/09/20/video-mostra-professor-sendo-humilhado-e-agredido-em-sala-de-aula-no-rj_ghtml - disponível 27 setembro 2018.

vulneráveis a sofrer e reproduzir a violência na escola quanto as crianças.

6. Considerações finais

E possível ver assim que tanto as crianças sofrem violência por parte do docente, como também a praticam, isso demonstra que temos por um lado crianças sofrendo e praticando violência em seus pares, docentes, e não recebendo a devida atenção da escola e da família. Ambos tentam resolver tal questão, porém têm culpado ou esperado uma resposta vinda muitas vezes da própria criança, seja em uma mudança de atitude ou apenas apontando como causa um terceiro, como os transtornos de aprendizagem ou de comportamento.

Do outro lado, dispomos de profissionais cansados psicologicamente e fisicamente, que sofrem com a violência presente na escola, e com o descaso que a educação recebe no nosso país, e dessa forma se sentem acuados, desmotivados e ainda mal pagos. Possuímos assim o cenário da escola que tenta sobreviver e cumprir com seu papel na sociedade, em meio à violência e outros fatores presente nela.

O estudo sobre a violência que traçou essa pesquisa sanou algumas dúvidas que eu possuía sobre a violência, e como ela está intrínseca nas relações humanas presentes na instituição escola. Ela me fez ponderar momentos escolares eu já passei, ou presenciei na minha trajetória como estudantes e como estagiária.

Dessa maneira a pergunta inicial: O que se pode dizer sobre as relações escolares a partir da análise dos registros e documentos sobre as violências praticadas por estudantes de uma escola pública, me fez capaz de refletir sobre a questão de gênero e sexualidade, e como esses dois fatores ainda são tabus dentro da escola, mesmo sendo fonte de grande parte as violência existente dentro da instituição. Isso me levou a refletir sobre os estereótipos sociais e como eles influenciam diretamente a escola, tendo como forte reprodutores os docentes, que praticam a uma violência evidente, mas também quase sempre reproduzem a violência simbólica presente no nosso dia-a-dia.

O movimento feito pela escola pesquisada para controlar e também combater a violência foi um passo importante realizado pela equipe pedagógica, por meio das fichas a escola passou a ser capaz de manter

um contato mais próximo com os estudantes, através da conversar realizadas pelos orientadores pedagógicos, e também de se aproximar das famílias, dessa maneira a instituição passou a ter maior conhecimento das comunidades que ficam ao entorno, sendo capaz de aprender e compreender a cultura presente neles.

Ainda falta muito para a escola conseguir afastar a violência que existe nela, somos capazes de ver nos relatos dos documentos, a dificuldade que os docentes e os estudantes tem de lidarem com a violência e as suas diferentes fases, que está presente no dia-a-dia, e deixa no ar a sensação de caos.

Entretanto a escola caminha para uma melhora, essa evolução beneficia as condições de trabalho e ajuda a instituição com o seu objetivo principal. A educação. A educação é um caminho para pôr um freio na violência que vivemos hoje. Mas, primeiro a educação deve partir de uma maior conscientização dos docentes sobre esse tema, depois ser levada para os alunos e por fim para as famílias, não é um caminho fácil, porém é a única saída para uma mudança real. Quando nos conscientizamos e nos educarmos podemos pôr fim às perguntas: O que fazer? Como lidar? Para finalmente fazer e lidar.

Referências

ABRANCHES, C.D; ASSIS, S.G. **A (in) visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar** – Cad, Saúde pública, Rio de Janeiro, Mai, 2011.

AMÂNCIO, L, **Masculino e feminino**, Porto, Edições Afrontamento, 1994.

ANDRADE, F.C. **Violência na escola, uma questão de gênero: o que percebem professores e professoras?** - UFPB, p.10, 2004

ASSIS, N. **Revedo o meu fazer sob uma perspectiva teórico-prática**. In: GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (Org.). *A prática dos orientadores educacionais*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 125-141.

BAASCH, D; TREVISAN, R.L; CRUZ, R.M. **Perfil epidemiológico dos servidores públicos catarinenses afastados do trabalho por transtornos mentais de 2010 a 2013**. Departamento de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2015, p. 1641 – 51

BARBOSA, C., NOGUEIRA, C. **Violência escolar e a construção social de masculinidades**. Portugal: Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção. 2017

BARDUNI FILHO, J; SOUSA, D.D. **A Questão da Homossexualidade e o Bullying**. VIII Congresso Nacional de educação, EDURECE,2008, p. 1063-74

COLOMBIER, C. **A violência na escola**. - São Paulo: Summus, 1989

COUTO, M.A. **Representações de Masculinidade e a Relação com a Violência na Escola Pública de Ensino Médio**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Florianópolis, UFSC, set. 2013.

COLLARES, C. L., MOYSÉS, M. A. A. **Desnutrição e fracasso escolar: uma relação tão simples?** Revista da ANDE (5), 56-62. 1982

- COLLARES, C. L., MOYSÉS, M. A. A. **A história não contada dos distúrbios de aprendizagem**. Caderno Cedes (28), 31-48. 1992
- COLLARES, C. L., MOYSÉS, M. A. A. **A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (A Patologização da Educação)**. Série Ideias (23), São Paulo, FDE, 25-31. 1994
- COLLARES, C. L., MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar - ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez Editora. 1996
- DANTAS, J. **Comissão de Educação do Fórum do Maciço - Uma experiência em escolas de Florianópolis/SC**. Retratos da Escola, v. 9, p. 461-477, 2015.
- DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1975.
- GOMES, V.L; FONSECA, A.D. **Dimensões da violência contra crianças e adolescentes, apreendidas do discurso de professoras e cuidadoras**. - Florianópolis, 2005, 14(ESP):32-7
- KALOUSTIAN, S.M. **Família brasileira: a base de tudo**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unicef, 1998.
- KRUG, G.E; MERCY, J.A; LOZANO, R. **Relatório mundial sobre violência e saúde** – Organização Mundial da Saúde, Genebra, 2002
- LATERMAN, I. **Violência e Incivilidade na Escola**. Coleção Teses, 2000
- MARNO, D. B., DAVOLI, A; OGIDO, R. **Violência doméstica contra a criança (Parte I) Jornal Pediatria, Rio de Janeiro, 71(6), 313-6, 1995**
- MEIRA, M.E. **Para uma crítica da medicalização na educação**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Jan/Jul de 2012: 135-142.
- MIEDZIAN, M, **“Learning to be Violent”**, in Einat Peled [[et al.]], Ending the cycle of violence, London, Sage Publications, 1996, p. 10-24.

NJAINÉ, K; MINAYO, M.C.S. **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção**. Interface, cominic, saúde, educ, v.7, n.13, p.199-34, 2003

ODALIA, N. **O que é violência**. - São Paulo: Editora Brasiliense, 2004

OUTEIRAL, J. **O mal estar na escola**. Rio de Janeiro: Revinter, p. 9-10, 2003

PERES, A. B; PIMENTA, M.C.A. **A Verticalização nos Planos Diretores de Florianópolis – Um Olhar Sobre o Bairro Agrônômica**. Seminário Internacional de Investigación em Urbanismo, Barcelona-Balneário Camboriú, Junho 2016. Barcelona: DUOT, 2016.

POLÔNIA, A.C; DESSEN, M. **Em busca de uma compreensão das relações entre família escola**. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 9, n. 2, p. 303-312, dez. 2005.

PRIOTTO, E.P. **Violência Escolar- na escola, da escola e contra a escola** – Revista. Diálogo Educ., Curitiba, v.9, 26, p 161-179, Jan./Abr.2009

QUINTUNDA, E.A. **O processo da imigração no Estado de Santa Catarina e em Florianópolis: desafios para o serviço social**. UFSC, Florianópolis, p.55, 2017.

RAMOS, M. D. **Reflexões sobre o processo histórico-discursivo do uso da legítima defesa da honra no Brasil e a construção das mulheres**. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 20, p. 53-73, 2012.

SIGNOR, R.C; BERBERIAN, A.P; SANTANA, A.P. **A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz**. Educ. Pesqui. São Paulo, v. 43, n. 3, p. 743-763, jul./set., 2017.

SILVA, A.G; SILVA, M. **Violência por professores contra alunos: uma face do fenômeno violência em meio escolar**. – XI Congresso Nacional de Educação EDURECE, p.14, 2013

SOUZA, A.P; CAMPOS, N. **A concepção de educação de Émile Durkheim e as suas interfaces com o ensino**. Luminária, União da Vitória, v, 18, n. 02, p. 12-20 ISSN: 2359-4373 2016

SOUZA, L.L.; MEDEIROS, P.A.; DUARTE, J.F. **Gênero, sexualidade e ética: um estudo com professores sobre a homofobia na escola.** – Fazendo Gênero 9, p.10, 2010

SPÓSITO, M.P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil** - Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n.1, p. 24-39, 2002

VASCONCELLOS, M.D. **Pierre Bourdieu: Herança sociológica** – Educação e sociedade, n °78, Abr.2002

Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei Federal n ° 8.069, de 13 de Julho 1990

Constituição Federal – Brasil, 1988

Biografia complementares

Significado de negligencia <
<https://www.significados.com.br/negligencia/> > disponível SET 2018.

Conselho Nacional de Justiça:

<<http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/lei-maria-da-penha/formas-de-violencia>> disponível AGO 2018

Projeto de lei do Senado n° 700, de 2007
 -<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/83516>>
 disponível NOV 2018

Reportagem: **Em 2017, Brasil registrou uma violação de direitos de crianças e adolescentes a cada 6 minutos** <
<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/em-2017-brasil-registrou-uma-violacao-de-direitos-de-criancas-e-adolescentes-a-cada-6-minutos.ghtml> > disponível AGO 2018

Reportagem: **Famílias chefiadas por mulheres são 37,3% do total no país, aponta IBGE** -
<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/10/familias-chefiadas-por-mulheres-sao-373-do-total-no-pais-aponta-ibge.html> > Disponível SET 2018.

Reportagem: **Número de afastamento por motivo de saúde na prefeitura de Florianópolis supera média nacional.**

<<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2017/01/numero-de-afastamentos-por-motivo-de-saude-na-prefeitura-de-florianopolis-supera-media-nacional-9398529.html>> Disponível SET 2018.

Reportagem: **Brasil é #1 no ranking da violência contra professores** -

< <https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-e-1-no-ranking-da-violencia-contraprofessores-entenda-os-dados-e-o-que-se-sabe-sobre-o-tema.ghtml>> - Disponível SET 2018

Apêndice

Pesquisa de documentos das turmas: fichas de acompanhamento ao aluno orientação educacional

*Essas fichas foram criadas no começo deste ano e acompanha o ocorrido com os alunos desde então.

Turmas da tarde:

2 ano

1º O aluno V, de 7 anos, possui em sua ficha da orientação escolar mais de 7 ocorridos em um mês. A entre eles a reclamação da professora devido ao seu mal comportamento em sala, uso de palavras grosseiras com ela e os colegas, além de atitudes violentas como jogar borracha em terceiros e usar de chutes e socos.

É possível ver que os orientadores tentaram por diversas vezes fazer-lo se comprometer com uma mudança de atitude, mais não pareceu haver muito resultado, o aluno também parece estar ciente das suas atitudes, pois em um dos casos escritos na sua ficha, há a reclamação de uma aluna, apontado que V pulou o muro da escola, a professora então o levou a coordenação que falou que ligaria a escola, foi então que o aluno falou: “vou fazer o diabo nessa escola se tu ligar”.

8 dias depois ele novamente desrespeitou a professora quando foi levado a orientação por chutar um colega na fila, lá ele disse que não ficaria quieto para ela. A mãe foi chamada para a escola no dia seguinte e se comprometeu a orienta-lo sobre seu comportamento.

2 ano

1º O aluno B, 7 anos, apresenta 8 casos em sua ficha, em um 2 meses. Em seus primeiros ocorridos é relatado atitudes desrespeitosas para com a professora e seus colegas, como palavões e muita bagunça em sala, sua mãe foi chamada e foi tido uma conversa onde foi ressaltada a importância do limite que é imposto pelos pais. Um mês depois ele agrediu fisicamente uma colega mais velha, e foi escrito que ele tem apresentado essas atitudes agressivas a algum tempo, também descrevem que as conversas da escola para com o aluno não estão surtindo efeito. A mãe foi chamada novamente e se comprometeu em

tratar a situações relatadas. Também foi conversado com ela sobre a higiene do aluno B.

2º Caso isolado o aluno C, jogou pedras e paus na professora e na estagiaria.

3º Caso isolado, Aluno D, deu um soco no estomago da colega Q, a mesma falou que este a ameaçou de bate-la na saída novamente, o aluno nega, disse que o soco foi um acidente e que a ameaça partiu do aluno B.

3 ano

A turma apresenta vários casos isolados, de alunos que furtam matérias as escola, como Bolas de futebol e bolas de gude, casos esses que como mostram as fichas são levados a família. Há também conflitos internos como um caso que envolveu um grupo de meninas. Onde algumas disseram ter visto um piolho no cabelo de outra colega e começaram a tirar “sarro”, algo que levou a uma briga e xingamentos dentro da sala da orientação.

4 ano

A turma apresenta mal comportamento durante a aula de artes, todas as fichas presentes na pasta do 4 ano possuem reclamação da professora de Artes. As suas reclamações são de xingamentos, falta de respeito e mal comportamentos. Apenas um aluno possuem na sua ficha casos fora da aula de artes, o Aluno K, 11 anos, tem em sua ficha casos de agressão física contra os alunos E e A, a orientação escreve que já foi realizada uma conversa com os aluno.

5 ano

A turma não apresenta muitos casos, algo já esperado tendo em vista que ela é a turma considerada “boa” na parte da tarde, ela tem apenas um ocorrido que envolve duas alunas. Foi relatado pela aluna F, 10 anos, que a aluna V, 10 anos, a chamou de Negra/ Preta, a aluna V foi prontamente chamada e está disse que a aluna F também a ofendeu a chamando de “bactéria”. Ambas foram orientadas sobre suas posturas e desculpam-se.

5 ano

Esse 5º ano apresenta algumas especificidades, é uma turma em que os alunos apresentam uma grande variedade na idade dos alunos, entre os 11 anos até 15, talvez por esse motivo possamos ver na ficha da turma diversos casos de agressão física, mal comportamento em sala, fora dela e até briga com colegas de outras escolas. Há um caso do aluno T, que sofre *bullying* e por esse motivo apresenta seu desenvolvimento de aprendizagem prejudicado, ele não consegue escrever direto, tem muita timidez e é altamente perseguido pelos colegas dentro e fora de sala, já deixou claro que não deseja frequentar a escola. No outro extremo temos o aluno B, que passa cola no rosto de colegas, pula muro da escola, joga comida nos outros e a mãe insiste em dizer que seu filho não apresenta esse tipo de comportamento em casa. Essa turma já apresenta uma fama na escola por se considera difícil.

Turmas da manhã:

1º ano

Duas fichas casos

1º - Frequentes atrasos da aula E (7 anos), entrada em contato com o responsável

2º - Entrega de atestado por parte do responsável da aluna J (7 anos)

1º ano

Duas fichas

1º - A mãe do aluno L (7 anos) veio a escola solicitar que o filho aguarde em casa até que tenha uma segunda professora, já que para ela era frustrante perceber que seu filho não recebia a devida atenção em sala e seu caderno chegava em casa em branco, ela também deixou claro que entende o lado da professora de sala. O menino ficou em casa por quase 20 dias até a chegada da segunda professora.

2º - Comunicado de uma professora sobre mal comportamento de uma aluno M (7 anos), ele apresenta dentro de sala atitudes como: agressão a

colegas, é impaciente, atrapalha as aulas com conversas e bagunças. A presença da família foi pedida com urgência.

2º ano

Sete fichas, sendo que à dois casos que estão ligados.

1º - Mal comportamento por parte do aluno G, a mãe foi chamada para uma conversa já que a professora reclama constantemente do desrespeito dele com ela, ele debocha, rir e desobedece, a mãe falou que iria conversar com ele, e que caso precisasse ele poderia ficar se a aula ed. Física e sem o recreio.

2º - Mal comportamento por parte da aluna T, Sua mãe foi chamada para uma conversa já que a professora regente reclamou de frequentes atitudes de deboches, desrespeitos, desafios e por não atender aos combinados. A mãe falou que em casa a filha também tem atitudes rebeldes, e que conversa com ela sobre isso, ela pede que a escola tome uma atitude sobre o comportamento da filha. Ela diz que continuará a conversa com a filha mas acha que não será suficiente. (A idade da menina não está na ficha.)

3º - Mal comportamento e falta de tarefa por parte da aluna I (7 anos), ele foi encaminhada para a orientação e lá se teve uma conversa sobre suas atitudes, as mesmas dos dois alunos citados acima. Ela se comprometeu a mudar. A menina foi passada para o 1º ano novamente, pois foi constatado que ela não havia terminado o 4º bimestre do mesmo na Bahia.

4º - O aluno W (7 anos) tem duas anotações em suas fichas por motivos distintos, o primeiro por um ocorridos no recreio, onde o mesmo apertou o pescoço de uma colega, R, segundo a orientação ele se comprometeu a não fazer mais isso.

O segundo caso, é por mal comportamento em sala para com a professora regente, ele frequentemente, debocha, desafia, e não atende os combinados, a mãe diz que ele tem TDHA.

5º - A mãe do aluno A (7 anos) veio até a escola relatar não concordar com o comportamento das professoras de ed. Física e prof. B para com o seu filho, elas o tratam através de gritos, ofensas e repressão, a mãe diz

não aceitar esse tipo de tratamento com os alunos. Seu filho fala que não quer mais comparecer a escola pois tem medo das mesmas, assim a mãe solicita providencia por parte da escola. Ela diz que as professoras usam palavras como “peste”, “atentado” prof. B

Por parte da professora de ed. Física foi reclamado que ela humilha o estado do uniforme dos alunos e usa coisas particulares de suas vidas para ridiculariza-los.

Há mãe voltou a escola para ouvir que a orientação repassou seus reclamações para as professoras envolvidas, que por sua vezes se comprometeram em modificar suas atitudes.

6º - A ficha do alunos (P) apresenta diversos ocorridos no mês de março, com situações dentro de sala como: falta de respeito com professora, furto de objetos de colegas (brinquedo e pulseira). Ele apresenta a intenção de ver uma colega triste, ele não se concentra, desafia, tem dificuldade de se relacionar com as outras crianças e se recusa a realizar as atividades, já tendo até chegado a amassar uma e jogado no chão. A mãe chegou a comparecer a escola e dizer que o mesmo tem Dislexia a TDHA, ele também bate em colegas e persegue uma em particular, teve mais de um ocorrido com essa mesma menina, os pais dela já foram a escola reclamar dele. Ele também trouxe a escola uma garrafa com bebida alcoólica e ofereceu aos colegas, subiu nas carteiras e segundo a professora, inventa constantemente historias fantasiosas. A mãe liga todo o seu comportamento ao laudo.

3º ano

5 fichas

1º - caso de agressão física fora da escola, foi pedido pelo pai para que a escola conversasse com o aluno que agrediu sua filha D

Os outros casos são apenas por atraso ou mal comportamento em sala.

3º ano

12 fichas

Em meio as 12 fichas, a casos de mal comportamento em sala, falta de comprometimento com as atividades e três casos de violência.

1º - A aluna E foi encaminhada à orientação educacional, pois foi agredida com socos, pontapés e também teve sua calça abaixada durante a aula de educação física, por 4 colegas, as alunas M (9 anos), I (8 anos), V (9 anos) e Y (9 anos), ela foi atendida e um bilhete foi encaminhado para os pais, suas colegas também receberam bilhete. Desta 4 meninas que agrediram E, apenas a mãe de M compareceu há escola, logo depois na ficha de M parece um ocorrido, desta vez é uma reclamação feita pela própria mãe da menina relatando de a mesma está sofrendo *Bullying*, por parte da colega Y, que a está chamando frequentemente de filha da puta, filhinha da mamãe e diariamente pergunta, “porque está me olhando?”, Y nega tudo e diz que M que vivi lhe encarando, a orientação fez uma aproximação das duas e resolveu tudo em uma conversa.

2 - O aluno K (9 anos) tem dois casos em sua ficha, um por agredir com um soco nas costa uma colega, ele disse que foi apenas uma brincadeira. O outro por furtar da carteira de um colega 5 reais, em um primeiro momento ele mentiu, mais depois confessou ao professor e se comprometeu em não fazer mais isso.

4º ano

3 fichas

1- A aluna I (12 anos) possui em sua ficha seis ocorrências, além de mau comportamento em sala. Também possui registrado duas agressões físicas, uma contra uma colega e a outra contra a professora. Esse segundo o relato escrito em sua ficha, ocorreu no dia em que a turma estava realizando a limpeza da sala, segundo o relato a professora acidentalmente deixou cair o produto de limpeza (sapólio) na perna da aluna, pedindo desculpa pelo ocorrido prontamente, a aluna em resposta limpou o produto da sua perna e passou no rosto da professora e no braço da mesma.

2- Aluno P (13 anos), dois relatos em sua ficha, troca de olhares e conflito com um aluno dos 5º ano e agressão a uma colega de sala.

5º ano

6 fichas

A turma possui 6 fichas ao todo, destas seis, três são sobre um mesmo ocorrido, onde duas alunas B (10 anos) e F (11 anos) brigaram durante o recreio, onde ocorreu puxões de cabelo e xingamentos (agressão verbal), segundo a aluna B tudo isso ocorreu por incentivo de uma terceira pessoa, a aluna V (11anos)

Na ficha da aluna F e V tem um conflito seguido de agressão física e verbal e ameaças por bilhetes decorrentes do caso acima, isso ocorreu em uma aula de artes, os pais das aluna foram chamados para uma conversa, a mãe da aluna V disse que conversa com a filha sobre seu comportamento, porem a avó da menina a incentiva a se defender.

5º ano

7 fichas

Entre essas 7 fichas deste 5º ano, há a de um aluno novo W, que chegou a um mês, em seu primeiro dia ele teve um problema com um aluno do 4º ano, que o recebeu com um tapa no rosto, já com a sua turma foi relatado que ele está sofrendo *Bullying*, de dois alunos H e K (11anos), que o xingam constantemente de viado, vadia, otário, boiola, prostituta, esses colegas também desenharam pênis nas cadeiras e jogam bilhetes com palavrões nele. Em sua primeira semana ele acabou brigando com o menino do 4º ano e quando perguntado se ele queria mudar de turma ele negou.

Sobre as outras fichas, eram todas de meninos, eles apresentam em sua maioria mal comportamento em sala, muitos tem mania de se masturbar em aula, de enrolar falsos cigarros de maconha, má atitude para com a professora. O aluno H (11 anos) tem o particular habito de jogar jogos sexuais no celular, de levar folders de prostitutas para a sala, quando chamada a mãe, ela disse que isso se deve ao fato dele andar em má companhia, e que estava pensando em manda-lo para a Bahia com o pai, já que ela era cuidadora e passava muito tempo fora.